

carta argumentativa
conto
conto de fadas
resumo
crônica
diário

COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR 2021

artigo de opinião
poesia
lendas
resenha
dissertação
fábula
cordel
escolar
editorial

COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR 2021

**COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR
ANTOLOGIA ESCOLAR – 2021**

Comandante e Diretor de Ensino
Cel Inf QEMA Rubem Mendes da **Costa Neto**

Subdiretor de Ensino
Coronel Inf **Wagner** Pinheiro de Barros

Comandante do Corpo de Alunos
Coronel Inf **Ulisses** Tavares Neves/Major **Fábio Sampaio** Ferreira

Chefe da Divisão de Ensino
Tenente-Coronel QCO Gilberto **Renganeschi** da Silva

Digitação:
Professores e alunos do
6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e
1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Diagramação:
Professora Simone Miranda Bastos

Organização, seleção e revisão dos textos:
Professora Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola
Tenente-Coronel QCO Gilberto **Renganeschi** da Silva

Colégio Militar de Salvador
Rua das Hortênsias, s/nº - Pituba
Fone: (71) 3205-8805
<http://www.cmsalvador.eb.mil.br>
e-mail: ava@cmsalvador.eb.mil.br
ISBN: 1948-2

Professores de Língua Portuguesa – 2021

Ensino Fundamental:

6º ano

Professora Érika Fernanda Santos Hayne

7º ano

Professora Lidiane Conceição Morais Silva

8º ano

Professora Ana Célia Santos dos Anjos

Tenente Liliane Silva de Aquino

9º ano

Major Cinthia Maria da Fontoura Messias

Ensino Médio:

1º ano

Professora Ana Telma Miranda do Espírito Santo

2º ano

Professor Adil Lyra Rodrigues

3º ano

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

Tenente Renata da Silva Macambyra Ferreira

Professor de História do 1º ano

Professor Alan Santos Passos

Responsável pela Antologia:

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTOS..... | 10 |
| APRESENTAÇÃO..... | 11 |
| HOMENAGEM ÀS PROFESSORAS E AOS PROFESSORES | 13 |
| TEXTOS VENCEDORES EM CONCURSOS LITERÁRIOS | 16 |
| CONCURSO CMS 2021 | 17 |
| Saudade da rotina..... | 18 |
| Meu querido colégio..... | 20 |
| Carta ao Comandante..... | 22 |
| Voa | 24 |
| De que são feitas as paredes | 26 |
| O CMS em minha vida | 28 |
| Concurso literário “Quem sou eu no mundo” | 29 |
| Às vezes amar é, sim, uma escolha..... | 30 |
| Concurso Maré – Concurso Literário da Baía de Todos-os-Santos.. | 32 |
| O nascimento de Vênus..... | 33 |
| Concurso Maré - Concurso Literário da Baía de Todos-os-Santos. . | 40 |
| Um poema qualquer à beira da maré..... | 41 |
| III Concurso Literário do PET-Letras, UNIFAL - MG | 46 |
| Meu desassossego onírico..... | 47 |
| 6º ANO..... | 50 |
| A forma do amor | 51 |
| A alma das estrelas..... | 52 |

| | |
|--|----|
| A raposa, o leão e a presa..... | 53 |
| Amigo | 54 |
| Saudade | 55 |
| Juntos por um bem maior..... | 56 |
| 7º ANO..... | 57 |
| Uma viagem de esquentar a cabeça..... | 58 |
| Um novo campeonato | 60 |
| Time Baleia Azul na Bahia | 62 |
| Carta a Karen Levine, de Laryssa Silva..... | 64 |
| Carta a Karen Levine, de Juliana Bello..... | 65 |
| Carta a Karen Levine, de Laís Sanches..... | 66 |
| Carta a Karen Levine, de Arthur Serra Lopes..... | 68 |
| Carta a Austin, de Clara Eloy..... | 70 |
| A pesquisa através do tempo | 71 |
| Planeta HAKY-900..... | 73 |
| O planeta oculto | 75 |
| 8º ANO..... | 77 |
| Educação financeira no ensino básico | 78 |
| Carta a um primo, de Larry..... | 79 |
| Medos de criança | 82 |
| Viver para colorir | 84 |
| 9º ANO..... | 86 |
| Coronavírus | 87 |

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Notícias falsas..... | 88 |
| A grande preocupação..... | 89 |
| Não é fácil, mas é necessário..... | 90 |
| Fake news nos dias de hoje | 91 |
| Isolamento social..... | 92 |
| O mundo agora..... | 93 |
| Feliz cidade | 94 |
| Salvador, arretada de boa! | 96 |
| A gigante Salvador | 98 |
| Salvador, minha querida..... | 99 |
| Salvadô, Bahia | 101 |
| Bahia e seus encantos | 102 |
| Salvador, a cidade maravilhosa! | 103 |
| Maravilhas de minha terra | 104 |
| Discussão futebolística | 105 |
| O desfile dos sonhos..... | 106 |
| Filhos para a vida..... | 108 |
| Cinderelle | 110 |
| A sambar pretendo levar a vida..... | 112 |
| Falar para vencer | 114 |
| Primeira viagem de avião | 116 |
| Um vergonhoso medo | 118 |
| A lagartixa lá de casa | 120 |

| | |
|---|-----|
| 1º ANO..... | 122 |
| O Colégio Militar de Salvador na minha vida | 123 |
| Carta à avó Rosinha, de Gabi..... | 125 |
| Carta a um familiar, de Esperança..... | 127 |
| Sobre poetas, crianças e velhos..... | 129 |
| Direitos da população..... | 131 |
| Teatro da saúde..... | 133 |
| A mudança das cores..... | 135 |
| O poder da amizade | 136 |
| A solidariedade juvenil | 137 |
| 2º ANO..... | 138 |
| Depressão: “mal do século “..... | 139 |
| Impactos da depressão no Brasil | 140 |
| Depressão, humanidade e economia | 141 |
| A depressão e a sociedade | 142 |
| 3º ANO..... | 143 |
| “Nada permanece inalterado até o fim” | 144 |
| Jovens, o futuro da nação..... | 146 |
| A problemática dos refugiados para além da fuga | 147 |
| A difícil tarefa de encontrar refúgio..... | 149 |
| Futuro brilhante..... | 151 |
| O dilema das profissões..... | 152 |
| Ser, não ser, quero ser, querem que eu seja | 153 |

| | |
|---|-----|
| O desafio de valorizar o professor | 155 |
| Se o mestre é árvore, educação fruto é..... | 156 |
| Por que, Clarice? | 158 |
| Diálogos de um cego Saramago..... | 159 |
| TEXTO DE DESPEDIDA DA CORONEL ALUNA..... | 160 |
| A jornada | 161 |

OBSERVAÇÃO

Os textos selecionados e apresentados não refletem necessariamente o pensamento do CMS e são de inteira responsabilidade dos autores.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pela dádiva da vida.

Ao *Comandante do Colégio Militar de Salvador*, pelo trabalho contínuo em prol de uma formação educacional humana e de qualidade.

Ao *Subdiretor de Ensino*, pelo empenho nas missões.

Ao *Chefe da Divisão de Ensino*, pela continuidade de um convívio agradável e indispensável.

Ao *Corpo de Alunos*, pelo apoio em todos os momentos dessa caminhada.

À *Seção de Supervisão Escolar*, pela sapiência e pelo direcionamento eficiente das atividades.

À *Seção Psicopedagógica*, pela tarefa de manter verdadeiramente nossa saúde mental.

Ao *Seção de Apoio Pedagógico* e à *Seção de Atendimento Educacional Especializado*, pelas estratégias de orientação e de ensino.

À *Seção Técnica de Ensino*, pelo auxílio nas impressões.

Aos *Mestres*, condutores maiores e essenciais desse comboio que se chama educação.

Aos *Monitores* e aos demais *Membros do Colégio*, pela atuação no desenvolvimento pleno de nossos jovens.

À *Associação de Pais e Mestres*, pela representação colaborativa impactante.

Às *Mães*, aos *Pais* e aos *Responsáveis*, pelo amor e pela composição dessa tríade mais importante do que nunca.

APRESENTAÇÃO

*é sempre mais difícil
capturar uma palavra
em pleno voo.*

Mariana Paim, Lugar comum.

É possível que a palavra seja o maior bem da humanidade. O que podem as palavras em pleno voo? A Antologia de 2021 do Colégio Militar de Salvador vem nos mostrar que é na arte da palavra que podemos descobrir os mais diversos caminhos para voar.

Ainda sob os efeitos da terrível pandemia do coronavírus, nossos professores e estudantes buscaram na literatura e na escrita formas de sentir, pensar e agir no mundo. O Clube Literário do CMS em suas tertúlias, por meio de encontros remotos, conseguiu não só manter um grupo unido pelo prazer de ler, como também teve a oportunidade de conversar com a autora Aline Bei (*Pequena coreografia do adeus*) e com os autores Itamar Vieira Jr. (*Torto arado*) e Jeferson Tenório (*O avesso da pele*), numa aproximação potente da literatura contemporânea brasileira. Em tempos de resistir e prosseguir, nossos docentes e discentes mostraram o quanto estavam determinados nesse embate, participando de diversos concursos literários, dentro e fora do Colégio. Na primeira parte da Antologia, somos presenteados com as obras vencedoras desses concursos.

O estímulo à produção textual foi, novamente, um dos meios para lidar com a nossa realidade e com os problemas enfrentados, além de ser um modo de exercitar a imaginação das crianças e adolescentes do nobre cadinho. Os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental escreveram narrativas e poemas sobre mitos de criação, amizade, saudade e justiça. Já os nossos infantes do sétimo ano conseguiram abusar da criatividade em peripécias baseadas no livro *Aventura no Império do Sol*, em que um time de vôlei chamado Baleia Azul vivencia intensos dramas. Além disso, produziram cartas para a autora do livro *A mala de Hana*, Karen Levine, mostrando a importância da visita ao passado para entender e mudar o presente.

Do mesmo gênero, fulgura a mensagem endereçada para a personagem Austin, de *Extraordinário*: emoção garantida! Fechando esse bloco de redações, há três narrativas de ficção científica para deixar qualquer leitor fora de órbita.

Educação financeira, vivência e superação na pandemia, medos infantis, memórias familiares são os temas que atravessam as composições do oitavo ano, com bastante fluidez. A mostra literária do nono ano começa com poemas sobre isolamento social e fake news, passando a um assunto mais leve e cheio de encantos: a cidade de Salvador. Em seguida, temáticas pertinentes para nossa reflexão entram em campo, nas passarelas, nas trilhas, e adentram o mundo dos contos de fadas reinventados, para desembocar em criações comoventes, divertidas e engraçadas.

Os alunos do primeiro ano do Ensino Médio acompanharam a trajetória e planaram com memórias, cartas, crônicas, dissertações, versando a respeito do CMS, da pandemia, da velhice, dos direitos da população, das mudanças climáticas e da solidariedade. O segundo ano abordou um tema extremamente importante e atual: a depressão. As composições do terceiro ano deram continuidade à construção de um pensamento crítico com argumentações sobre resiliência, refugiados, escolha de profissões e valorização do professor. Ainda contamos com duas experimentações influenciadas pelos estudos de literatura feitos em sala de aula: um poema conversando com Clarice Lispector e um microconto dialogando com *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago.

“A jornada” é título do texto de despedida de nossa Coronel Aluna, o que não deixa de ser um poderoso nome àquilo que nós – professores e alunos – fizemos até aqui. Para começar a jornada por essa Antologia, eu convido você à leitura primeira do texto de abertura: uma linda “Homenagem às Professoras e aos Professores”, personagens inegociáveis nesse voo! Boa leitura e que possamos vencer “as invernadas com fé suprema no coração”!

Prof. Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola

HOMENAGEM ÀS PROFESSORAS E AOS PROFESSORES

Quando eu era mais nova, me diziam que eu podia ser professora. Não por ter uns óculos, carregar um monte de pastas por aí e receber maçãs de presente dos alunos, como eu imaginava que um professor fosse. Eu não conseguia identificar a razão de ser equiparada a tal profissão. Eu sempre respondia com um “Que nada, quero é ser a Barbie”, o emprego dos meus sonhos quando mais nova. Essa dúvida por vezes pairou em minha mente: o que, exatamente, molda um professor? O que eu, uma mera criança de 5, ou 6, ou 7 anos, poderia vir a ter de parecido com um mestre?

A minha reação quando eu ouvia essa frase era sempre de espanto ou de medo. Minha mãe já havia exercido a profissão, no passado, o que já era um fator de alerta, e as lembranças que tinha de meu pai como professor não eram muito boas. Toda vez que pensava no assunto, me recordava dele me chamando à noite, correndo contra o tempo, pois as notas dos alunos tinham de ser publicadas antes que o ‘sistema’ fechasse. Diante desse contexto, para mim, ser professor não era muito empolgante. Em minha escola, tive uma gama de professores que exibiam em seus semblantes rostos cansados, com olheiras e por vezes estressados. Olhava os meus companheiros de classe que, na maioria do tempo de aula, conversavam e interrompiam os seus professores e, quando justamente reclamados, ainda disseminavam uma série de injúrias, ameaçando-os da sentença máxima de uma criança na Educação Infantil: “Eu vou contar para a minha mãe!” Diante disso, ficava nítido: ser equiparado a um professor era, no mínimo, uma ofensa. Uma injúria que deveria ser retirada o mais rapidamente possível.

Esse pensamento permeou a minha cabeça até eu começar a estudar para fazer o concurso de admissão no CMS. Quando eu percebi que o meu sonho dependia do meu esforço e da minha aprendizagem com os meus professores, eu notei que ser equiparada a um professor era muito mais que isso. Eu consegui ingressar no colégio e, finalmente, admiti que a principal razão de milhares sonharem com uma vaga aqui na escola é a presença, em massa, de professores dedicados e comprometidos com a educação

e a aprendizagem de seus alunos. A docência é a essência que torna o Colégio Militar de Salvador um dos melhores colégios do sistema e do Brasil.

Essa concepção foi consolidada durante a pandemia. Mais de um ano de devoção para com a profissão, de labuta, de noites sem dormir, ou respondendo mensagens de alunos de madrugada. A pandemia foi um processo devastador, e mesmo diante de uma crise avassaladora em diversos sistemas educacionais de todo o país, eu pude, com o mínimo dos prejuízos possíveis, adquirir conhecimentos imensuráveis. Acordar de manhã cedo, passar horas sentado, dando o seu melhor em frente a telas preenchidas de imagens, e não poder visualizar os rostos de seus próprios alunos, em inúmeras ocasiões, foi uma atitude heroica. Ser um mestre de ensino durante a pandemia foi inusitado, exaustivo e, sem dúvidas, desgastante. Mesmo assim, os senhores se reergueram a cada dia.

Pensando nisso tudo, eu venho aqui pedir desculpas pelo meu eu de alguns anos atrás, que tanto desvalorizou a profissão, peço desculpas pelas aulas desmerecidas durante a pandemia, e pelo triste fato de um honrado professor ainda ser visto como má sorte. Porém, venho aqui trazer-lhes palavras de gratidão. Obrigada por trazerem reconfortantes explicações às dúvidas de nós alunos. Obrigada por enfrentarem a solidão e as montanhas russas do isolamento social, gerando aulas de altíssima qualidade. Obrigada por se comprometerem com o grande caminho que é ser um mestre de ensino. Hoje, guardo em minha mente e em meu coração a honra de ter sido comparada a um professor: altruísta, dedicado, experiente, corajoso, firme e companheiro. Se um dia consegui exibir ao menos uma dessas características, posso me orgulhar dos professores que tive. Posso dizer que a missão deles de transmitir os seus exemplos, seus conhecimentos e suas histórias de vida foram totalmente atingidos. Os esforços que os senhores empregaram hoje terão reflexos no amanhã de cada um dos alunos que puderam desfrutar de cada ensinamento, cada palavra amiga, cada reflexão e, quem sabe, cada sermão dado. Muito obrigada. E nesse sentimento de gratidão, gostaria de não só me dirigir aos professores do CMS, mas também a cada profissional dessa instituição, desde os

responsáveis pela limpeza e desinfecção do colégio até a maior autoridade, nosso Coronel Costa Neto, que se dedicaram a cada uma de suas atribuições, e integraram cada melhora e benefício sentido por nós alunos, e que não poderiam passar despercebidos nessa singela homenagem, então, muito obrigada pelo trabalho incessante ao longo de 2020 e 2021.

Finalmente, em clima de final de ano, gostaria que olhassem para trás. No início desse ano, eu sequer cogitava um retorno ao CMS. Não conseguia vislumbrar sequer uma melhora na situação que vivíamos diuturnamente. Hoje, estamos aqui, juntos, já vacinados e em meio a tantos aspectos negativos, sobrevivemos a esse período truculento. Em meio a tanto caos, hoje, posso ser grata pela trajetória que tive no Colégio, por ter recuperado a amizade, as aulas, as formaturas, as olimpíadas, e cada momento que pude vivenciar com todos. Por saber quem são os responsáveis por essas experiências tão importantes e tão ímpares em minha vida, eu desejo que os senhores tenham orgulho da trajetória feita ao longo de 2021. Desejo que 2022 seja capaz de aumentar ainda mais as conquistas de cada um, que traga ainda mais esperança, que nos fortaleça como pessoas e que nos dê novos caminhos e novas oportunidades, principalmente àqueles que deixam a instituição, deixando não só saudade, mas também sua marca na história do nobre cadinho, como nosso querido TC Ulisses e nosso amado Ten Lopes. E a muitos outros que irão seguir novos rumos, desejo-lhes uma jornada repleta de sucesso e de grandes conquistas. Àqueles que ficam, estarei confiante e tranquila, pois sei da qualidade do trabalho de cada um, e não tenho dúvidas de que 2022 será um ano de realizações.

Aluna 4618 - Fernanda Alves - 804

TEXTOS VENCEDORES EM CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO CMS 2021

Saudade da rotina

A vida era corrida e agitada,
sobe e desce escada, e não parava!
Formar primeiro, o sargento gritava,
e isso nem era a metade do que me cansava!

Era cansativa a rotina? Sim!
Mas eu gostava!
Já fiz muita coisa no CMS,
coisas que a gente nunca esquece!

Já fiz muitos esportes lá:
desde xadrez, voleibol e saltar.
Não me dei muito bem no esporte que tem que nadar,
ainda procuro uma forma de nele melhorar!

As aulas são boas,
mas vale ressaltar:
se chegar atrasado, FO negativo vai cobrar,
e ainda a aula faltar!

Foi bom o tempo enquanto durou...
A Covid veio e quase tudo acabou!
Uma nova etapa
sabemos que foi iniciada.

Agora só temos que esperar,
é tempo de se imunizar!
O colégio não abre, mas repare só
no esforço do professor para nos educar!

E finalizando decido falar:
estou longe de todos,
mas logo, logo pertinho vou estar.
E CMS, me espere, que já, já vou chegar!

1º lugar - Ensino Fundamental
Aluna 4681 - Eduarda Rosário - Turma 904
Professora orientadora - Maj Cinthia Messias

Meu querido colégio

O Colégio Militar de Salvador nasceu para brilhar!
Tudo começou a partir de um decreto presidencial,
com o início das atividades comandado pelo Coronel Uchôa,
o colégio foi criado na primeira capital.
Em 1989, o colégio se desativou,
mas, em 1993, voltou com força total!

No dia 3 de fevereiro de 1994, o novo pavilhão foi inaugurado,
onde muitos alunos ilustres estudaram e estudarão.
Naquela oportunidade várias autoridades se fizeram presentes.
Oh, colégio querido, esse foi seu galardão,
tu és glorioso como os feitos dos nossos heróis,
tu és a certeza de que tempos melhores virão!

E a canção do colégio agora eu vou honrar,
uma canção com um lindo significado:
grande templo de luz e saber,
para os alunos um canto exaltado:
“Óh mocidade, gloriosa, altaneira”,
para sempre serás lembrado!

Fazer parte da história do colégio
é um enorme prazer:
além de aulas excelentes,
temos diversos cursos para escolher.
Ter um ensino privilegiado,
oh, escola de excelência e saber!

Parabéns, meu querido colégio!
Já se vão 64 anos de educação,
ensinando e disciplinando os alunos.
Nossos conhecimentos florescerão,
cultuando tradições e valores,
e formando o verdadeiro cidadão!

2º lugar - Ensino Fundamental

Aluna 4815 - Gabriela - Turma 803

Professora orientadora - 2º Ten Liliane Aquino

Salvador, 05 de março de 2021.

Caro Comandante,

Minha vida mudou drasticamente depois de minha entrada no Colégio Militar de Salvador. Embora muitas pessoas ali já tenham estudado no sexto ano, eu ainda estava no fundamental I, e tudo foi totalmente novo para mim.

O impacto do ingresso no CMS em minha vida é enorme, já que eu passo metade do meu dia na escola, ou melhor, na escola virtual, agora que estou no ensino remoto. Embora o ensino do colégio seja excepcional, os colégios militares não se resumem somente ao ensino.

Tudo aquilo do projeto valores que o CMS tanto fala e aprecia pode parecer exagero, quando escutado pela primeira vez, mas é a mais pura verdade. Com o CMS, eu aprendi coisas extremamente válidas como respeito, ética, amizade e caráter.

O modo exigente de educar da escola acaba contribuindo para a responsabilidade do aluno, a qual eu desenvolvi bem melhor depois do meu primeiro ano no colégio. Com as lições transmitidas pelos profissionais do CMS, desenvolvi melhor caráter e maior respeito, e isso me fez evoluir muito como pessoa.

O maior presente do CMS para mim foram os meus amigos, sem dúvida. Foi bem difícil na primeira semana fazer novas amizades e cheguei a imaginar que não teria nenhum amigo. Inacreditavelmente, após isso, a escola me surpreendeu com a repentina entrada de pessoas novas e incríveis na minha vida.

Aprendi bastante com meus amigos. Chega a ser engraçada a forma como você pode melhorar e evoluir apenas com o convívio com outros seres humanos. O CMS me proporcionou amizades incríveis, que só me fizeram bem, e se eu não estivesse estudando aqui, nunca teria tido essa chance.

Pode-se dizer que o CMS realmente molda o aluno, faz dele uma pessoa melhor, que valoriza mais a amizade e respeita o próximo, principalmente os professores. Além disso, apresenta uma

série de atividades extracurriculares, contribuindo bastante para o aluno encontrar o seu nicho.

Vejo muitos alunos na escola sendo muito bons em alguma atividade, e tudo graças aos clubes, times, aulas extracurriculares e as mais variadas olimpíadas do conhecimento.guardo ansiosamente pelo dia em que acharei a minha atividade, algo em que eu seja extremamente boa também! Enquanto isso não acontece, só tenho a agradecer ao senhor pelas oportunidades proporcionadas e pelos ensinamentos passados.

Sou demasiadamente grata ao CMS e por tudo que aprendi, tanto como aluna quanto como pessoa.

Obrigada por tudo!

Bianca.

3º lugar - Ensino Fundamental

Aluna 4607 - Bianca - Turma 803

Professora orientadora - 2º Ten Liliane Aquino

Voa

“Zip!”, fecho a última mala. Será que precisarei pagar pelo sobrepeso? Exausto, decido me preocupar com isso depois. Desabo na cama e consigo vislumbrar com clareza o quarto que me abrigou pelos últimos 18 anos. Paredes vazias, prateleiras que nada sustentam e gavetas guardando apenas poeira. Meu voo é em apenas quatro horas. “Quatro horas para o ninho ficar vazio”, penso. Enquanto meus olhos vagueiam, vislumbro uma caixa de papelão com o meu nome escrito em garranchos. Vou até ela, abro-a cuidadosamente e me deparo com uma lustrosa fivela dourada que, para minha surpresa, não refletia a minha imagem, mas sim a de um menininho de dez anos cujo sonho era ingressar no Colégio Militar de Salvador.

Com delicadeza, começo a tatear o conteúdo guardado naquele recipiente. A sutil aspereza da camisa cáqui acalenta os meus dedos a ponto de me fazer pensar que a farda ainda carrega o calor do meu corpo. Furo o meu dedo na haste da plaqueta e relembro que meu sangue é vermelho-garança. Em seguida, encontro também a minha velha boina e não resisto ao impulso de rodá-la em minha mão (alguns hábitos nunca mudam...). Carrego o meu uniforme completo, abraço-o sobre meu peito e as lágrimas caem como um dilúvio. Instantaneamente, as memórias de sete anos de histórias escorrem junto a elas.

Amizades de minutos, dias e anos, professores queridos, e momentos de aprendizados inesquecíveis inundam o meu ser em uma enxurrada nostálgica. Desde o cheiro de grama recém-cortada da SEF até os solenes momentos de silêncio das formaturas interrompidos pelo grasnar dos quero-queros, tudo aquilo me moldou. Enquanto enrolo o meu dedo no meu surrado alamar e acaricio os fios da última graduação, as oportunidades de viagens representando o nobre cadinho no Desafio Global do Conhecimento, em Brasília, nos Jogos da Amizade, em Resende, no “Era Uma Vez... Brasil”, em Lisboa, e nos Jogos da Juventude, em Natal, vêm à mente.

Cada oportunidade de crescimento que tive graças aos esforços dentro das salas de aula (e também fora delas), nos clubes

acadêmicos, em especial, no Clube de Relações Internacionais, e no esporte, principalmente no voleibol, me moldaram o ser humano que sou hoje. Entrei pelo Portão das Armas um menino e saí um homem íntegro, valoroso e determinado a cultivar os valores da justiça e da camaradagem onde quer que eu esteja.

Ao encerrar esse abraço ao meu passado, enxugo as lágrimas e olho para o futuro, esperançoso. Reconheço que, se agora estou prestes a deixar o ninho e voar para uma universidade estadunidense, onde fui aceito com mérito, o nobre cadinho tem grande parte nisso. Sou furtado dos meus pensamentos por gritos dos meus pais e amigos, que anunciam que a hora de me levarem ao aeroporto chegou. Retorno o fardamento à caixa, guardo-a em um armário e sou tomado por um ímpeto gutural que me faz cantarolar um belo e conhecido verso: “Adeus, adeus, nossa escola, nossa alma. Levo saudades de ti no coração”.

1º lugar - Ensino Médio

Aluno 4112 - Matheus Luquini - Turma 302

Professoras orientadoras - Esmeralda B. Cravanzola e 1º Ten Renata Macambyra

De que são feitas as paredes

Passando pela Ana Lúcia, olho para cima e vejo aquela grande construção branca com muros cinza. Mas sigo em frente; ela não me chama a atenção. Continuo andando, quando ouço uma risada. Ela é leve e sutil, não muito mais do que um eco, porém, é familiar. Curiosa, sigo o seu som. Chego mais perto e percebo que não escuto apenas uma risada: são várias, e parecem vir de muitos lugares; todos para dentro dos muros cinzas. Havia um tempo que não as escutava, no entanto, as reconheço. Diminuo os passos, sem nunca os cessar, e me permito divagar um pouco. Estou certa de que nunca as esqueci, contudo, não me recordo da última vez que parei para ouvi-las. É um singular reencontro.

Quanto mais me aproximo do portão de entrada, mais elas vêm até mim. Seus sons são nítidos agora, e eu permito que me enlacem gentilmente. Então, vislumbro uma no quiosque, não no concreto, esvoaçando-se na grama. Estão em várias gramas. Mas também em várias paredes. Elas vêm dos corredores, das salas, das quadras, da banda, e dos bambus; dançam nas sombras frescas das árvores que tanto já presenciaram naquele terreno. Não são só minhas, as risadas. Muitas vezes elas são três, preenchendo os arredores sem um motivo ou destino específico. Outras vezes elas são mais; mas também há menos. São variadas e profusas. Escuto até risadas que nunca presenciei. Muitas delas eu reconheço, outras não; me lembro, entretanto, não reconheço. A saudade também as segue; nem sempre, mas o carinho sim.

Resolvi entrar. Estou quase me perdendo. Há muita coisa aqui. Não são somente risadas que me escoltam mais. São lágrimas, orgulhos, sentimentos, dores e encantos. Eles pintam as paredes e enfeitam o verde. Eu conheço esse lugar. Alguns me abraçam com força, outros me repelem tão rápido que não tenho certeza de quem começou a correr primeiro. É intenso, e nunca só meu.

Há muito tempo sei onde estou, porém, continuo entrando, pois agora ele me chama. Esse lugar significa muitas coisas para muita gente, e quantas delas eu nunca tomei para mim. Outras, por sua vez, entraram e se assentaram sem cerimônias ou permissão.

Agora, eu sei que nunca poderei me livrar das risadas, e nem quero. Elas ficarão para sempre guardadas aqui. O Colégio Militar de Salvador, que é tanta coisa, foi também a minha casa. Eu, então, abro os olhos, e sinto saudade.

2º lugar - Ensino Médio

Aluna 4056 - Júlia Alkmim - Turma 303

Professora orientadora: Esmeralda B. Cravançola

O CMS em minha vida

O Colégio Militar de Salvador (CMS) tem como excelência o ensino com valor, desse modo, tende a formar grandes cidadãos. Além disso, sinto-me felizada e imensamente honrada por fazer parte deste sistema de ensino que a cada dia me orgulha mais ainda.

“Será que eu vou me adaptar?” Essa foi uma das primeiras perguntas que surgiram quando descobri que havia conquistado uma vaga no “nobre cadinho” e, sim, eu me adaptei rapidamente. Então, comecei a amá-lo dia após dia e esse amor só foi aumentando, pois a educação é de ótima qualidade, as atividades e as oportunidades fornecidas, os valores cultuados (civismo, patriotismo, dentre outros), as lindas formaturas de tirar o fôlego, o recebimento de novos alunos de forma afetuosa, todo esse conjunto me encantou e conquistou!

Quando tive a oportunidade de desfilar pela primeira vez em uma formatura e apareci no quadro de honra da escola, me senti incrível, estonteada, fascinada! Senti que podia sempre crescer mais e mais. Ademais, ver o meu progresso como cidadã e estudante no decorrer dos anos dentro do colégio é sensacional, pois sei que já tenho as ferramentas para crescer e que só basta saber usá-las de forma correta. Outro fator que me deixa extremamente orgulhosa acerca desta instituição de ensino é o desenvolvimento, o comprometimento e a adaptação dela diante de diversas adversidades, por exemplo, a pandemia da Covid-19 a qual estamos enfrentando. Mas, acima de tudo, a preocupação com a saúde coletiva de alunos, professores e profissionais em geral.

Portanto, o Colégio Militar de Salvador tem muito a oferecer e está sempre a se desenvolver para proporcionar o melhor aos seus alunos. E acredito que, assim como eu, outros "boina garança" sintam-se orgulhosos de pertencerem a esse valioso recinto sagrado.

3º lugar - Ensino Médio

Aluna 4526 - Camille Grimaldi - Turma 104

Professora orientadora - Ana Telma

**Concurso literário “Quem sou eu no mundo”
(1º lugar)**

Festa Literária Internacional VIVALIVRO - Literatura como acolhimento (Fundação Pedro Calmon, Secretaria de Cultura do Estado e Governo da Bahia, e Secretaria Especial de Cultura, Ministério do Turismo, Governo Federal, Lei Aldir Blanc)

Às vezes amar é, sim, uma escolha

Fui enviado às 19h45 de uma quinta-feira à noite, como forma de agradecimento. Meu tom escarlate, aspecto pixelado e conhecido contorno denunciam minha identidade: sou um emoji de coração, daqueles bem comuns em grupos de WhatsApp escolares. Enquanto pulsava distraído, pude observar o surgimento de uma movimentação estranha, um turbilhão de mensagens tomou conta do chat, minutos após meu envio. Um estudante havia convidado os colegas para participarem de um ato estudantil pacífico em prol da educação, diante de cortes de verba arbitrários realizados pelo governo. Prontamente, depois da convocação feita por ele, o caos se instalou.

A quantidade de alunos que ofenderam aquele menino foi aterradora, tendo em vista que se tratava de uma simples questão relacionada, ainda por cima, com pautas educacionais que dizem respeito a todos os cidadãos. Até que ponto o ódio cega o homem? Confesso que fiquei abismado com a situação que testemunhava naquele grupo. Além do trogloditismo para com o rapaz, era uma pauta de suma importância para a construção do futuro de uma nação e, conseqüentemente, para o futuro de todos ali, que estava sendo banalizada e ironizada pelos algozes naquele linchamento virtual. Todavia, surpreendi-me ainda mais com a seriedade, determinação e resiliência do garoto que, mesmo tendo sua dignidade violada por seus colegas, que o xingavam e o ridicularizavam, persistia defendendo seus ideais com serenidade.

Era notória, além da falta de polidez dos colegas, a superficialidade das declarações por eles realizadas. Suas argumentações e embasamentos eram rasos como uma poça d'água em dia quente de verão, limitando-se, puramente, a achismos e constantes falácias fundamentadas em: "Minha mãe me disse...". A externalização dos revoltantes pensamentos obscurantistas, retrógrados e alicerçados no ódio começaram a provocar rachaduras em mim, até o ponto em que alterei minha natureza, rompendo pixel por pixel, tornando-me um coração partido.

Quando o absurdo beirava às 22h30min e a gentileza que me deu origem já estava completamente aterrada por centenas de mensagens, pude compreender os reais motivos e contornos de todo o embate. O debate que a princípio parecia originar-se do ódio gratuito daqueles jovens começava a tomar contornos mais palpáveis, mas não menos absurdos. Ao ler ofensas que crucificavam os ideais progressistas e tidos como “de esquerda” do aluno, ficou claro que toda a oposição que o estudante sofreu era de cunho político, em decorrência do cenário polarizado e inflamado que o Brasil enfrentava. Era a consequência direta do que os avôs e pais daqueles meninos haviam feito com o país.

Será possível que mais uma geração herdaria o fardo das velhas práticas? A democracia, que deveria ser uma dança de divergências e convergências que regem um povo, continuaria a ser esse campo minado? Ninguém estaria disposto a ouvir o outro e, de fato, dialogar? Foi então que, ao final do conflito, quando o negror do céu anunciava a meia-noite e os dedos de todos os envolvidos já doíam de tanto digitar, eu fui utilizado novamente, para minha própria surpresa. Dessa vez, quem me enviou foi a própria vítima daquelas agressões. Ele, ao me utilizar, disse que todos mereciam o amor que carregou, e se retirou da conversa.

Aquele singelo ato reverberou nos corações - reais, físicos e pulsantes - de cada um naquele grupo. Sua mensagem foi um verdadeiro manifesto em nome da paz que selou a discussão naquele chat. Ninguém mais teve coragem de mandar nada. Uma inquietação tomou conta de todos.

– Estávamos a discutir por quê? - Surgiu na mente de muitos.

As grossas carapaças estavam rompidas e uma semente fora plantada. Portanto, tive fé na juventude. Em um universo em que centenas ou milhares escolhem o ódio, se há uma pessoa que escolhe o amor, a esperança segue viva.

Assim, pulsei confiante como nunca.

Aluno 4112 - Matheus Luquini - Turma 302

Professora orientadora - Esmeralda B. Cravanzola

**Concurso Maré – Concurso Literário da Baía de Todos-os-Santos.
(1º Lugar)**

O Concurso Maré é uma das vertentes do projeto Pesquisando Kimirê e conta com o apoio do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), e o projeto é coordenado pelos professores Jailson Bittencourt de Andrade (UFBA) e Maria das Graças Meirelles (IFBA).

O nascimento de Vênus

Os fogos de artifício rasgam o negror do céu estrelado, e o espetáculo promovido pela dança angelical de cores e luzes que pintam a meia-noite de amor, fé e esperança marca o fim de um ciclo e o início de outro. “Feliz ano novo!”. É isso que ecoa em toda a extensão da faixa de areia enquanto abraços fraternos são distribuídos e beijos apaixonados são compartilhados. A mistura do frescor dos espumantes recém-abertos e da brisa do mar de verão me conduzem, passo a passo, das mãos de um “alguém” até o meu destino final, as águas da Baía de Todos-os-Santos. Após sete pulinhos, sou lançada ao vento que me carrega carinhosamente às águas mais ternas do mundo. Aos poucos, enquanto o sal envolve pétala por pétala do meu ser, eu e ela, a baía, nos tornamos uma só.

Uma delicada rosa como eu, branca como a neve que nunca cairá no Recôncavo Baiano, supostamente deveria ser consumida pela salinidade marítima. Todavia, a magia da Baía de Todos-os-Santos é única. Talvez pelo dendê nas águas, pela história de luta do povo baiano, pela benção de Iemanjá ou quiçá pela vontade de algum escritor baiano, esse banho da água do mar soteropolitana me encheu de vida! Viva! Viva a vida! Estou viva!

Sinto meu caule transformar-se em uma bela calda cor de esmeralda. De onde brotavam espinhos, agora surgem dois braços e dois seios, sendo os últimos prontamente cobertos por minhas antigas pétalas. Por fim, meu interior desabrocha e revela um rosto de traços belos como os de Maria Felipa de Itaparica, e a alvura que antes me revestia agora é uma tela preta que reflete os astros que brilham no cosmos. No ímpeto da vida, choro, mas choro de júbilo e descubro que tenho lágrimas salgadas como o mar que me transformou. Ao me acalmar daquele pico de êxtase que marca o início de tudo que é bom, concentro-me em agradecer aos santos que me abençoaram, a todos os santos.

Como nasci em frente ao Farol da Barra, no limiar entre o acalento da baía e a infinitude do Oceano Atlântico, e ainda sou muito inexperiente, decidi iniciar minha jornada baía adentro. Partindo do palco de tantos carnavais, sigo em frente e me

deparo com o luxuoso Yacht Club, seguido pela imponência do paredão de luxuosos edifícios do Corredor da Vitória que é amplificado pela sombra dos primeiros raios da manhã projetados sobre os píeres privativos no mar. Não deixo de notar as pessoas. Seja no clube, nas estruturas suspensas sobre o mar ou em lanchas particulares, a grande maioria é branca, como eu era quando era flor, além de estarem vestidos em trajes dos mais caros e bebendo do que há de mais nobre. A cidade deve ser toda assim! A vida nessa terra deve ser justa e farta para todos! Agora entendo a alegria daquelas pessoas vestindo branco e comemorando. A baía abençoa todos! Pensei ao testemunhar tamanha opulência.

Meu encantamento deu lugar ao espanto quando contemplei a comunidade da Gamboa. Por que aquelas construções colossais deram espaço a casas e barracos tão singelos e diminutos quando comparados às mansões morro acima? Será que aqueles moradores decidiram morar assim? Seria algo religioso? Minha confusão se dissipou novamente ao continuar a acompanhar a Avenida Contorno e chegar à sua bela marina, onde pude me esconder entre as lanchas e yachts para não ser vista.

Anunciada pela presença marítima do Forte São Marcelo, o luxo logo foi substituído pela beleza secular do Comércio na Cidade Baixa, assim que avistei o Mercado Modelo, o Elevador Lacerda e cada casarão da região. Desviando dos barquinhos de pescadores que desenham leves marolas sobre a superfície d'água, só consigo imaginar se um dia meu corpo de sereia permitirá que eu visite cada um daqueles pontos históricos que carregam tanta ancestralidade... Que sonho!

A euforia de uma turista conhecendo pela primeira vez os encantos e cantos da Bahia logo se dissipou quando me enrosquei no primeiro saco plástico da jornada. Após me esbarrar com o segundo e terceiro a medida que seguia meu caminho, decidi submergir mais profundamente para investigar o que estava acontecendo. Deparei-me com uma trilha de lixo que me seguia desde minha origem na Barra. Além das sacolas plásticas, tampas dos mais variados recipientes, pneus de todos os tamanhos, latas de cervejas e refrigerantes, e até garrafas de espumantes consumidos durante o

réveillon dominavam o cenário! Quanto lixo! Quanta sujeira! Senti-me doente, fraca, ferida... Como se a água que antes era a própria vida agora houvesse se tornado um veneno que ia minando minhas forças. O que estão fazendo com a Baía de Todos-os-Santos?

Murcha como se ainda fosse uma rosa, segui nadando, dessa vez sem dar tanta atenção aos transatlânticos colossais que descansavam no Porto de Salvador e às milhares de pessoas que enchiam o terminal marítimo da cidade. Em descrédito, meus olhos apenas fitavam o leito marinho completamente poluído. Isso sem contar que o terrível gosto de combustível das embarcações e do esgoto despejado na água definitivamente não me animavam. Vi que o desalento era compartilhado por todas as demais criaturas marinhas ao nadar por cardumes de todas as espécies possíveis e notar a tristeza em cada ser vivo de ver seu mundo tão destruído. Realmente, a felicidade e prosperidade de todos os homens banhados pela Baía de Todos-os-Santos tem um custo. Pelo menos todos vivem bem!

Nado bastante e atravesso o Cantagalo e a Boa Viagem em um piscar de olhos. Quando me dou conta, estou fazendo a curva da Ponta de Humaitá e me despedindo do Monte Serrat. Quando o sol está a exatos 90º da Terra, chego à Ribeira. Lá, observo um povo alegre e agitado de pele belíssima, infinitos tons de preto como eu, e vestidos em roupas mais simples. Mesmo em meio aos meus pensamentos turvos, começo a notar que aquele imponente padrão arquitetônico da Vitória parece mais ser uma exceção do que a regra. Que estranho! Pelo menos o mar continua lindo, ainda que um pouco sujo.

Essa constatação me motiva a cortar a água com ainda mais velocidade e em questão de poucos minutos me encontro próxima a um ponto de agitação tremenda. Ao chegar na ponta final, deparo-me com uma grande enseada guardada pelo Terminal Marítimo da Ribeira de um lado e pelo Porto da Sardinha do outro. O que vejo além fascina-me mais do que tudo que pude vivenciar nessas doze horas de vida. Incrédula, fixo meu olhar em um mar terrestre. Sim, um mar em tons de laranja e cinza salpicados por verde onde, no lugar de peixes, vivem milhares de pessoas. Desse modo, o Subúrbio

Ferroviário se abria para mim, assim como no Egito, o Mar Vermelho um dia se abriu.

Plataforma, Periperi, Paripe, Lobato, São João do Cabrito, Alto da Terezinha, Rio Sena, Praia Grande, Itacaranha, Nova Constituinte, Coutos e Fazenda Coutos. Uma sequência infindável de casas, casinhas e casarões que harmonizam e desarmonizam como um mosaico vivo e em constante mudança, e que abrigam muita gente íntegra, trabalhadora e digna. Observando essas regiões banhadas pelas quentes, calmas e cristalinas águas da Baía de Todos-os-Santos e podendo refletir acerca das condições de moradia e acesso a direitos básicos como educação, segurança, saúde e saneamento básico, me fiz uma pergunta que a princípio quase soou como uma blasfêmia: a baía é realmente de todos?

Deve haver algo de errado! Por que alguns vivem com tão pouco, principalmente pessoas pretas como eu, enquanto outros ostentam fortunas?! Por que há um abismo tão grande entre Vitória e Plataforma, Barra e Paripe, e Graça e Periperi? Não são todos banhados pelo mesmo mar? O jovem branco que salta do píer de seu condomínio pode ser atleta olímpico, mas o menino preto que dá cambalhotas no ar ao pular de uma das muitas pontes abandonadas do Subúrbio seria confundido com um capitão da areia de Jorge Amado?

Penso especialmente na gente humilde. Em cada família de pescadores, marisqueiras, quilombolas, comerciantes, ambulantes... Um povo honesto cuja palavra “trabalho” é quase um sobrenome, porém, que vive relegado às margens da sociedade e da cidade. Refletindo mais sobre o que meus olhos capturaram, compreendi que eles, da criança ao ancião, possuem o mar como uma distração dessa dura realidade, como um amigo para rir e chorar junto.

Entendi, pois, que a culpa dessa situação não é da baía, quanto menos dos santos. É o próprio homem que, em decorrência de alguma organização social cruel, segrega a si mesmo, delimita privilégios e devasta as bençãos que a natureza lhe concedeu. O mar continua inocente e ainda mais essencial. Ative-me a essa ideia e continuei minha trajetória.

Após passar pelo Porto de Aratu e enfrentar outro trecho do mar caótico, me dediquei a, simplesmente, tornar-me uma com as correntes da baía e nadar livremente pelas áreas mais virgens, puras e intocadas dessa natureza selvagem. Saltei com golfinhos por enseadas, explorei mangues atrás de crustáceos, visitei as ilhas paradisíacas de Itaparica, Loreto e Frades e passei por Saubara e Madre de Deus. Após esse período de retiro e reconexão com o meio natural que me gerou, percebi que estava mais limpa. O mar da Bahia havia me purificado. Uma vez que a clareza de ideias retornou ao meu ser, reconheci que eu possuía o dever, como filha da terra e do mar, de tentar modificar a situação degradante que testemunhei. Era o momento de procurar todos os santos.

Perdurei nessa busca por dias e dias que pareciam não ter mais fim. Rezava, convocava, dançava, tentava produzir oferendas, mas nada parecia adiantar. Com o tempo, a impotência e a conformidade foram tomando conta e, conseqüentemente, suprimindo minha fé. Por fim, exaurida pelo meu próprio desespero, desisti.

Em um ponto da baía onde não se via pedaço de terra algum em nenhuma direção, naufraguei lentamente até o leito oceânico como um saveiro em uma tempestade de verão. Quando senti as camadas de sedimentos calcários finos que me esperavam a setenta metros de profundidade me abraçarem, uma inquietação inexplicável me atingiu em cheio. Pus-me a chorar pela primeira vez desde que as lágrimas haviam jorrado de alegria dos meus recém-formados olhos. Dessa vez, entretanto, foi uma depressão profunda que me assolou. Ainda assim, fiz uma última prece. Ó santos! Ó pais e mães dessa terra, desse mar e dessa gente, escutem o meu pedido!

Abruptamente, senti uma movimentação que transformou minha inquietude em pânico. Alguma força estava a puxar meu corpo. Era uma rede que me envolvia por completo e me prendia em um emaranhado de fios e nós. Será que eu estava sendo pescada? Seria esse o fim? A luz da superfície foi ficando cada vez mais próxima e logo os contornos de um pequeno barco pesqueiro iam tomando forma. Mãos fortes me puxaram para fora da segurança do mundo submarino e me deitaram na proa da embarcação. Era o

fim. Sim, tinha certeza que seria morta, pendurada no porto mais próximo para exposição, repartida entre as famílias e em 50 anos não seria nada mais que uma lenda local. No entanto, quando meus olhos acostumaram-se com a luminosidade, notei, para o meu espanto, que todos aqueles pescadores e marisqueiras que lotavam o barco tinham em comum um olhar calmo, sereno e quase sagrado. Nenhum deles parecia abismado com minha figura híbrida de dama e peixe. Foi então que percebi que ali não estavam possíveis raptos desejosos de alimentarem as bocas que os aguardavam em casa, mas sim, meus salvadores. Eram santos, santas, orixás, inquices, voduns e espíritos da natureza que vieram até mim.

Minha mãe Iemanjá, Senhor do Bonfim, Santa Bárbara, Santa Dulce dos Pobres... Estavam todos lá despidos de quaisquer luxos, e sim trajados de roupas simples. Roupas de gente trabalhadora. Suas faces resplandeciam humildade. Assim, mesmo sem possuir joelhos, me prostrei como pude, em reverência às santidades e em uníssono ouvi:

– Nossa bela Rosa, levante seu olhar para nós. Queremos vê-la!

Envergonhada de ter duvidado dos santos, permaneci com os olhos fechados e a face encarando o chão. Foi então, quando senti a mão de todos sobre meu corpo, que outra transformação me ocorreu. Minha calda agora tornava-se um belo par de pernas e minhas pétalas estenderam-se dos meus seios para um vestido rendado que se findava em uma bela saia rodada. Desajeitada, levantei-me assustada e pude olhar para todos eles, olho no olho.

– Perdão! Minha fé não foi absoluta. Falhei! Não honrei a benção da vida - sussurrei entristecida. Dessa vez, somente minha mãe respondeu:

– Rosa, nossa princesa. Nós não te presentamos com o dom e o privilégio da vida para ser perfeita. O que queríamos era um ser de coração puro. Alguém que fosse completamente apaixonada por esta terra sofrida, mas bela; injusta, mas sagrada! Você, mais do que ninguém, pôde identificar os impactos da ação do homem na natureza. Nesta própria baía a qual dedicam tantos sambas e poemas, você testemunhou o nível de degradação e a quantidade de

lixo despejado nas águas. Além disso, você viu a crueldade do homem para si próprio. Quantos vivem em abundância egocêntrica enquanto outros lutam para sobreviver? O mais importante, minha filha, é que além de identificar essas questões, o seu coração doeu por elas! Você se importa! Você é o coração que falta em tantas pessoas!

Diante daquelas palavras de reafirmação, permaneci calada, todavia, pela primeira vez desde que fui plantada, regada, colhida e atirada ao mar ao toque da meia-noite, pude entender qual era o meu propósito. Pude conhecer toda a baía para que me tornasse mais uma de suas protetoras. Não como entidade ou criatura, mas sim como gente. Como uma mulher preta, afinal, todas nós temos um quê de rosa e sereia. Após receber essa missão de vida dos santos, regressamos a Salvador, onde eles me deixaram em terra firme para começar meu trabalho. A sociedade precisa de mudança entre os homens. Portanto, hei de dar tudo de mim para defender as pessoas e a natureza da Baía de Todos-os-Santos.

Aluno 4112 - Matheus Luquini - Turma 302

Professora orientadora - Esmeralda B. Cravanzola

**Concurso Maré - Concurso Literário da Baía de Todos-os-Santos.
(Texto selecionado para compor a Antologia Maré)**

Um poema qualquer à beira da maré

Chego à beira da praia
Da minha Baía de Todos-os-Santos
Uma angústia me preenche
Como o pôr do Sol o faz com o horizonte
Sinto a areia por entre os dedos
Completando perfeitamente
A minha inquietude

Às minhas solas,
Um acalanto facilmente reconhecível
O mar me chega aos pés
Como um abraço chega aos amigos
Repentino, alegre
E no momento em que buscava um desatino

E então na minha mente
Atracam várias memórias
Tanto lugar e gente boa
Que conheci em minha história
Vou contá-la a vocês
Perdoem a timidez
E ainda minha demora

Eu venho da terra do vixe, mainha
De um povo pra lá de aguerrido
O que tô falando agora
Não se passa só comigo
Sentimento transitante
Como nunca se viu antes
É a Bahia, meu amigo

Cercada por muita água,
Da Baía de Todos-os-Santos
Quem aqui chega, se apaixona

Por todos os seus encantos
Por seu povo, suas praias
Suas festas de muita farra
Ecoam por todos os cantos

E os mares desta baía
Nos fortalecem todo dia
Em cada conto há um canto
Repleto de muito encanto
Mares e terras se unem num dia
Em perfeita sintonia

E entre marés baixas e altas
Me apaixono cada vez mais
A Baía de Todos-os-Santos
Lhe recebe de braços aberto
Mas, por favor, fique esperto
E aproveite a estadia

E aos santos da nossa baía digo
Obrigado pela proteção e pelo cuidado
Abençoem nosso povo com água
A água que nos dá trabalho
De nadador, de marinheiro
De pescador, de marisqueiro

Ó Baía de Todos-os-Santos

Incessante observadora
Encara aos cantos todos
Vai à Ilha de Itaparica
E se admira com o local silencioso
Que pouco lembra aquela ilha
De onde Maria Felipa
Bradou para o seu povo
Dos mangues de Salinas,

Vejo a Igreja do Carmo
Ponto turístico da cidade
Que conta com muita saudade
Um pouco daquela história
E de sua religiosidade

Pelo estuário do Paraguaçu,
Onde abrem suas margens,
Que desemboca nas águas da baía
E completa aquela paisagem
Numa forte pororoca
Ocorre uma bela troca
Entre nossos rios e mares

Se procuras ir a festa
Devo dizer que já sei onde
Mas peço por favor
Vá pra lá e não se esconde
Ouça os conselhos meus
Vá para Madre de Deus e
Pra São Francisco do Conde

Ali, as ruas que um dia estavam lotadas,
Hoje encaro vazias
Perderam sua festividade
Que víamos todos os dias
Em suas casas enladeiradas
Suas praias, suas praças
Entristecendo nossa baía
Por causa da pandemia

Baía querida,
Toca meus pés e diz a que veio
A acalantar meu coração
Ou até mesmo a passeio
Enche minha alma,

Me dá tua calma
Alimenta meu devaneio

E a todo o povo
Desse reconvexo recôncavo da Bahia
Que a maré vos chegue
Trazendo consigo o que traz de melhor
A resposta das nossas vidas

ZAMMMMMM

E com um barulho repentino
Ouço o ferry e as lanchas
Prestes a zarpar
Esperando a maré alta
Para seguir seu caminho
Observo a feira do São Joaquim despertar
Como a cidade de Salvador
Num dia de Carnaval

SPLASH

Assim, minha mente
Subitamente se ilumina
Trazendo com sinceridade
O nome da Baía de Todos-os-Santos
Cantos, povos e cidades
Saúdem todos com muita alegria
E com muita energia seu nome
Baía da Diversidade

E como é viver
Vejo os altos e os baixos da maré
Então, as águas tornam ao seu devido local
Deixam meus pés e partem mar afora
Quem sabe esse seja o sinal

De que ainda não é chegada a minha hora.

Aluno 4057 - Sena - Turma 304

Professora orientadora - Esmeralda B. Cravançola

III Concurso Literário do PET-Letras, UNIFAL - MG
(Texto selecionado para compor Antologia)

O concurso literário teve como gênero a Poesia e como tema: “Lembranças”. Os autores selecionados terão seus poemas publicados em formato de e-book, além de receber certificado de participação pela Universidade Federal de Alfenas.

Meu desassossego onírico

O clique do relógio sobre minha cabeça
O sonar do interruptor ao ser desligado
O v-v-v-v do ventilador
O macio da colcha que me acalenta
A viagem que faço a um novo mundo
Dentro de mim mesmo...

Tenho muito o que fazer
Atividades do dia seguinte
Matérias para desacomular
Um desassossego agonizante
Será que no futuro
Isso vai ser recorrente?

E relaxo!

Joelhos trêmulos
Olhar cansado
Dentes rangendo
Coração acelerado
Será que um dia olharei para trás
E isso para mim vai se tornar coisa do passado?

Ouvidos chiando
Corpo enrijecido
Unhas roídas
Jeito comedido
Será que um dia olharei para trás
E será como se isso nunca tivesse vivido?

Corpo arrepiado
Respiração ofegante
Cabelo todo enrolado
Num nervosismo constante

Será que um dia olharei para trás
E sequer conseguirei seguir em frente?

Alegria surpreendente
Corpo suspenso no ar
Êxtase gigante
Como se pudesse voar
Será esse o começo da minha vida
Que por tanto tempo tentei encontrar?

Em frente, sigo diferente
De quem outrora havia sido
Encontrei um propósito
Que achei que nunca seria conseguido
Me joguei na vida
Sem medo de nenhum perigo

E então eu disse não
Vou me arrepender de nada
Mesmo que por ora pense
Que fiz a escolha errada
E devia ser advogado
E não essa coisa pacata!

E surge uma resposta à minha mente
Como um meteoro avassalador
Abalou minha ordenação
Como nada antes me abalou
Decidi de uma vez por todas
O que quero é ser professor!

Uma luz me cega
Será essa a decisão?
Estou deitado como sempre
Prestes a cair no chão
E um zunir me incomoda

Como deve deixar tamanha ilusão

Trimmmmmmm

Acordo!

E em um despertar repentino
Levanto-me e ajo como sempre
Lavo as mãos, escovo os dentes
E nada do que ocorreu
Enquanto dormi importa...

Porque, para mim, só há um caminho
A seguir:
Em frente!

Até que essa súbita lembrança me encontra,
Ocupa minha mente
E me causa um desassossego irreparável.
Logo, pela milionésima vez,
Me encontro adormecido
Num oceano de recordações
Infundadas e embaralhadas.

Aluno 4057 - Sena - Turma 304

Professora orientadora - Esmeralda B. Cravançola

6º ANO

A forma do amor

Há muito tempo, Afrodite, a deusa do amor, teve uma filha chamada Rosa. O amor que recebia de sua mãe era maior que todos os universos juntos. Seu pai Alfredo também a amava, porém, sua sede por poder era tão grande que planejou trocá-la pelo poder de dominar qualquer local do universo.

Um pouco antes da troca, Afrodite descobriu o que Alfredo pretendia fazer; ela ficou apavorada e pegou sua filha nos braços para fugir. Quando ele percebeu, até tentou ir atrás, mas ainda bem que elas já estavam longe. Com essa situação, Rosa, durante anos, foi obrigada a crescer sem pai e sempre que perguntava sobre ele à sua mãe, a resposta era o silêncio.

No seu aniversário de dez anos, Rosa pediu de presente uma resposta sobre o que aconteceu com seu pai. Nesse momento, Afrodite decidiu que já estava na hora de contar o ocorrido, mas antes deu uma rosa à sua filha como forma de demonstrar todo seu amor por ela. Após escutar e entender o que aconteceu, a menina devolveu a mesma flor à sua mãe como forma de amor.

Assim, essa história foi passada de geração em geração, fazendo com que a rosa passasse a ser vista como o símbolo do amor.

Aluno 4984 - Mateus Cajado - Turma 602

A alma das estrelas

Dentro de uma aldeia, muito tempo atrás, existia uma família. Um pai, uma mãe e um filho (chamado Nian). Desde que Nian nasceu, seus pais pediam a cura para seu filho aos deuses da Lua. Ele tinha uma doença terrível que não o deixava respirar direito. Às vezes, nem tinha forças para ficar em pé.

Em uma noite de luar, Nian teve uma de suas piores crises. Então, seus pais resolveram levá-lo para a margem do rio Niebá. Com Nian roxo, deitado perto da água, seus pais ajoelharam e imploraram pela última vez aos deuses. De repente, uma luz branca atravessou a floresta e um guerreiro com asas apareceu. Ele falou:

– Fui enviado pelos deuses para dar-lhes a cura. Enquanto Nian for bom menino e obedecer aos seus pais, ele estará livre deste fardo. – E foi embora voando.

Assim que o guerreiro saiu, Nian estava finalmente curado. Parecia um preço pequeno para o que fora oferecido. Tão pequeno que em pouco tempo foi desobedecido.

Um mês depois, os meninos da tribo o chamaram para brincar no rio. Nian, ignorando completamente o pedido da mãe para avisá-la quando fosse sair de casa, pereceu logo quando chegou ao rio.

Os pais, assim que souberam da notícia, ficaram inconformados. Choravam dia e noite de saudade do seu filho.

Os deuses, com pena dos pais, resolveram transformar a alma de Nian em vários pontinhos de luz no céu, chamados de estrelas. Hoje, todos da aldeia, quando olham para o céu à noite, lembram da triste história de Nian.

Aluna 4978 - Maria Luísa - Turma 603

A raposa, o leão e a presa

Certa manhã, uma raposa havia tido uma sorte danada. Encontrara sua caça logo de primeira quando andava pelo riacho. Era uma presa fácil, então, ela se escondeu numa moita ali perto e se preparou para dar o bote. Não demorou muito tempo até toda aquela carne parar no estômago da raposa. Satisfeita, bebeu um pouco de água e seguiu o caminho de volta à toca.

Andava tranquilamente até avistar um leão deitado, devorando calmamente o resultado de mais uma caçada. A raposa como um animal ambicioso, arregalou os olhos com tamanha pressa e se aproximou do leão:

– Leão, querido leão, mais que dia bonito para caçada hoje, não é? Já vi que o senhor, poderoso como é, conseguiu um animal bem grande. Pena que eu, pequena como sou, ainda não consegui nada. Acho que vou ficar com fome o resto do dia... a não ser que o senhor dê um pequeno pedaço para essa pobre raposinha.

O leão, que já sabia da esperteza da raposa, resolveu cheirá-la só para conferir se o que ela havia dito era mesmo verdade. Logo que sentiu o cheiro de carne na boca da raposa, ficou revoltado. E, em um segundo, ela virou a presa.

Assim, a raposa teve um final trágico, levada pela ambição. Agora, ela está na barriga do leão, servindo de exemplo para todos na floresta.

Moral: Quem tudo quer, tudo perde.

Aluna 4978 - Maria Luísa - Turma 603

Amigo

Amigo é companheiro
que possui amor verdadeiro.

Amigo é abrigo
que nos protege do perigo.

Amigo é esperança
que nos ajuda e não se cansa.

Amigo é paixão
que sempre vai morar no coração.

Amigo é lealdade
que nunca esconde a verdade.

Amigo é carinho
que nos segue em todo caminho.

Amigo é genial
que com suas ideias deixa tudo mais legal.

Amigo é indescritível
que nos ama de maneira incrível.

Aluna 4976 - Luiza Morbeck - Turma 602

Saudade

Saudade dos tempos que podíamos brincar
Sem se preocupar em conversar
Saudade de ir à escola todos os dias
Sem se preocupar com a agonia

Saudade de poder passear
Saudade de ir à praia curtir um bom sol
Saudade de viver sem seguir protocolos sanitários
Saudade de ir ao cinema curtir um bom filme

E entre tanta saudade...
Tenho saudade do mundo antes da pandemia
Em que se vivia sem se preocupar com a saída
Quando tudo era bem mais livre.

Aluno 4984 - Mateus Cajado - Turma 602

Juntos por um bem maior

Homem, mulher, adulto ou criança
Leste, oeste, norte ou sul
Todos temos que continuar com essa esperança
De que conseguiremos manter esse futuro brilhante azul.

Acima de crença, raça ou nacionalidade
No final, somos todos humanos
O preconceito vive criando rivalidade
Empatia é o que precisamos continuar cultivando.

Todos somos iguais, mas também somos diferentes
E é isso que faz cada um de nós único e singular
Por isso, cada um precisa ser consciente
De que a solução nunca será julgar.

Oceanos Atlântico, Pacífico, Índico ou Antártico
Português, francês ou mandarim
Todos devemos ser mais altruísticos
Para que os dias sejam menos ruins.

Aluna 4989 - Luiza Barbosa - Turma 603

7º ANO

Uma viagem de esquentar a cabeça

Era um belo dia de verão na cidade de São Paulo, o sol estava lindo e o céu azul como a água do mar. Belinha estava em casa, na companhia de Cacá, uma das suas melhores amigas. “Estou com saudades do Peru, daquelas montanhas gigantes, de Machu Picchu, aquele lugar bonito, e do povo de lá. Já faz dois anos que aquele campeonato de vôlei aconteceu”, disse Belinha. “Também queria voltar pra lá, só não queria participar de um sequestro de novo”, disse Cacá, rindo.

Nessa hora, o telefone tocou. Belinha atendeu e ouviu atentamente o chamado. Alguns minutos depois, ao desligar o telefone, Belinha gritou: “Ai meu Deus!! Cacá, vamos participar de um campeonato de vôlei na Colômbia! O Antônio disse que a premiação é das boas e que temos adversários fortes! Sabe qual é a melhor parte? Nossos patrocinadores vão pagar a viagem para nossas famílias!”. Cacá também se animou com a amiga e as duas foram contar a novidade para suas famílias. No primeiro momento, os pais de Cacá se mostraram um pouco indecisos, mas logo se convenceram de ir.

O voo foi tranquilo. Durou aproximadamente três horas. Como as duas amigas já tinham voado antes, estavam acostumadas. O hotel não foi nada demais, o suficiente para dormir confortavelmente. Os treinos para o torneio começariam três dias depois, logo, daria para fazer turismo pela cidade. No primeiro dia de treino, o time Baleia Azul realizou uma partida amistosa, à noite, para não existir vantagem de iluminação em cada lado da quadra. Tudo correu bem, mas no final do segundo set, ouviu-se um grito de horror: “Corram todos! Temos um incêndio aqui na quadra!

Os bombeiros chegaram rápido, mas não conseguiram apagar o fogo de imediato, pois as labaredas estavam muito grandes. Logo chegou a seguinte notícia: a escada do caminhão de bombeiros não chegava ao topo do edifício, onde estava a origem do fogo. Todos estavam desesperados, mas Belinha estava pensando no que fazer. “O que que eu posso fazer para ajudar?”, pensou a garota, ainda assustada com o que estava acontecendo. Nada lhe veio à cabeça.

Porém, Cacá teve uma ideia genial nessa hora: “Belinha! Está vendo aquela viga lá em cima que foi consumida pelo fogo, quase caindo? Por que você não faz aquele seu *saque viagem ao fim do mundo*? Aposto que se aquela viga cair, os bombeiros vão poder apagar o fogo.”

Belinha agarrou a bola de vôlei nas mãos, só tinha uma chance para acertar, se errasse, a bola iria cair no fogo, e aí não haveria esperança para ninguém. Respirou fundo, colocou a mão para trás, e desistiu. “Não vou conseguir, não vou conseguir mesmo”, disse a garota, afundando em lágrimas. Nessa hora, os pais de Belinha abraçaram a filha, com ânimo. “Filha, nós sempre acreditamos em você, e sabemos que consegue fazer isso. Garantimos que, quando tudo isso acabar, comemoraremos juntos, em família”. Com as forças renovadas, segurou a bola, preparou o saque, e lançou uma bomba no ar, na direção certa da viga, que caiu na hora, abrindo passagem para os bombeiros apagarem o fogo.

Quando o incêndio acabou, todos que estavam ali comemoraram com uma alegria imensa. Belinha tinha acabado de se tornar uma celebridade, e foi convidada para participar de uma reportagem sobre o acontecimento. O campeonato foi vencido com muita facilidade pela equipe Baleia Azul, e a premiação foi dada com muita generosidade para a restauração da área que o fogo consumiu. “Essa viagem foi de esquentar a cabeça de qualquer um”, disse Belinha, e as duas amigas riram.

Aluno 4769 - Enzo Borges - Turma 701

Um novo campeonato

As meninas do time do Baleia Azul voltaram muito felizes à sua terra natal, principalmente Reca, Cacá e Belinha, pois tinham muitas novidades para contar. Porém, as jogadoras não ficariam muito tempo no país, porque em três meses começaria um novo campeonato internacional e todas voltariam a viajar.

A rotina de treino, durante esses três meses, era tão rígida que o tempo passou muito rapidamente e logo o time viajou para a Argentina, local onde seria o campeonato. Enfim, havia chegado o grande dia. As jogadoras ficaram muito emocionadas ao entrarem na quadra. Ao término do jogo, elas haviam ganhado todos os sets contra o time adversário, que era do Peru. No dia seguinte, treinaram pela manhã, mas tiveram a tarde toda livre para poderem comemorar. As integrantes do time foram ao cinema. Ao saírem da sessão, naquele tumulto que se forma do lado de fora, notaram que Cacá não estava entre elas. Todas ficaram muito abaladas e só se lembravam do sumiço de Reca tempos atrás.

As meninas procuraram bastante pela amiga, mas não a encontraram em lugar nenhum, o que as levou a avisar a comissão técnica o mais rápido possível. Então, acabaram tendo que jogar o outro jogo sem Cacá. Por sorte, graças a Belinha e seu saque “viagem ao umbigo do mundo”, elas ganharam por 3x2, sendo que o último set acabou 15 a 13 para o time Baleia Azul. Nesse mesmo dia, logo após o jogo, as garotas, junto aos policiais, voltaram a procurar pela amiga, sem encontrá-la. Até que, passando ao lado de uma casa abandonada, ouviram um grito que parecia ser dela. Logo entraram no lugar para ver se a amiga estava lá e viram, de longe, um homem enorme amarrando os braços de Cacá para trás numa cadeira. Foi o tempo de gritar pelos policiais.

O homem foi preso e as meninas puderam voltar a jogar o campeonato com o time completo. Nas duas partidas seguintes, que haviam sido contra times do Uruguai e do Paraguai, as garotas ganharam por impressionantes 3x1. Uma semana depois, chegava o dia da semifinal. As garotas treinaram muito até aquele momento. Na hora da partida, Cacá se sentiu muito nervosa, mas foi consolada

pelas amigas Reca e Belinha, que também estavam um tanto quanto ansiosas. Ao final, elas venceram por um incrível placar de 3x0. “Nada é páreo para o Baleia Azul!”, gritavam os torcedores do time animados. Dois dias depois, chegaria a grande final.

Na última partida, as meninas estavam todas muito confiantes. Elas iriam jogar com muita garra e ganhar aquele jogo importante para o time. E foi isso que fizeram. Com um placar de 3x2, venceram o time adversário, da Argentina. Depois desse campeonato intenso, as garotas voltaram ao Brasil muito felizes, e já queriam até participar do novo torneio que iria ocorrer em seis meses.

Aluno 4782 - Sérgio Bittencourt - Turma 702

Time Baleia Azul na Bahia

O time do Baleia Azul estava com tudo! Elas haviam ganhado o torneio Sul-Americano de vôlei no Peru, renovado a parceria com a rede de supermercados e haviam ficado muito conhecidas devido à vitória depois do sequestro de uma de suas atletas, Reca. As jogadoras estavam muito felizes e treinando cada vez mais. O time estava sendo reconhecido e elas participariam de mais um campeonato. Esse, em especial, seria muito importante, pois daria muito destaque para que as jogadoras se tornassem grandes profissionais. Era janeiro, e os rapazes Juan e Atahualpa tinham passado todo mês de dezembro em São Paulo e Antônio iria para lá no mês seguinte. Cacá, Reca e Belinha não poderiam estar mais felizes.

– O torneio será em Salvador – contou Marilena, feliz com a oportunidade, mas apreensiva e amedrontada. Embora animadas, as jogadoras estavam preocupadas com essa notícia. Depois do sequestro, os pais de muitas delas quase tiraram as garotas do time, elas só continuaram depois de concordarem em não participar mais de jogos em outras cidades. Não havia quem convencesse as famílias a deixarem as moças irem, e até as jovens estavam com medo. Mas, se queriam ser jogadoras profissionais, precisavam dar um jeito de participar. E então, surgiu uma ideia que poderia fazer os pais aceitarem.

– E se nossas famílias também fossem ao campeonato? Eles poderiam viajar conosco e, além de acompanharem os jogos e assegurarem que estamos bem, passariam as férias viajando – sugeriu Belinha. Aquela ideia agradou aos familiares e eles acabaram concordando. Então, as jogadoras, a equipe técnica do time do Baleia Azul, junto com as famílias das jovens embarcaram em São Paulo. Chegaram dois dias antes dos jogos para conhecerem a maravilhosa cidade de Salvador: visitaram o Pelourinho, o Elevador Lacerda, a Igreja do Bonfim e o Farol da Barra. Chegaram os dias dos jogos, que seriam contra os estados do Brasil, e o time jogou muito bem. Foram ganhando todas as partidas – e faziam lindos pontos. A equipe estava confiante. Elas iam avançando e, invictas, chegaram às

semifinais. Venceram novamente e, classificadas, conheceram suas adversárias: era o time RioMar, de Recife. Aquela equipe era muito boa! Também estavam invictas e era o time de vôlei feminino que mais ganhava competições no Brasil. Apesar de toda aquela força, as jogadoras do Baleia Azul não se sentiram intimidadas, principalmente quando as jogadoras da outra equipe convidaram-nas para um lanche e bate-papo antes do jogo decisivo. Conversaram, riram e lancharam. Todos perceberam a diferença dessa equipe para a do Pinedo, com toda aquela competição e fanatismo dos torcedores.

Cacá estava aproveitando as gostosuras, até que desmaiou. Todos viraram a atenção para ela. Belinha, Reca e todas as jogadoras foram tentar acordá-la, sem sucesso. Checaram sua pulsação e viram que ela estava ao menos respirando. O que havia acontecido com Cacá? Nesse momento, já estavam todos muito preocupados. Chegaram ao hospital às pressas e ela foi logo atendida. Passaram quatro horas, que mais pareciam uma eternidade, e os médicos informaram que ela estava melhor, mas que o desmaio foi consequência de um problema hereditário. Faltando trinta minutos para o horário do jogo, Cacá acordou e, embora não pudesse jogar, pediu para suas amigas jogarem por ela e que ganhassem. Sem uma peça fundamental da equipe e abaladas com o estado da amiga, as jogadoras do time Baleia Azul se lembraram do que Cacá falou e, com muito esforço, venceram o jogo!

Aluna 4781 - Juliana Bello - Turma 703

Salvador, 09 de setembro de 2021.

Prezada Senhora Karen Levine,

Escrevo-lhe para expressar a minha opinião em relação ao livro *A mala de Hana*. Me chamo Larissa Silva, estudo no Colégio Militar de Salvador, e acabei tendo contato com sua obra. A princípio, pensei que seria apenas uma simples biografia, ou algo do tipo. Mas, ao passar das páginas, me impressionei com a marcante história que abordava.

Gostei muito do livro, tanto que o indiquei para minha mãe. Em apenas algumas folhas, me envolvi na triste história de Hana, com esperança de que, ao final, tudo voltasse a ser como era antes para a família Brady. Infelizmente, não ocorreu como eu esperava, portanto, não consigo expressar o quão surpresa e feliz fiquei ao saber que o seu irmão, George, havia sobrevivido. Confesso que quando ele vê a mala de sua irmã e chora em meio às lembranças, me emocionei.

Em relação à escrita utilizada, foi bem prática e de fácil entendimento. Com essa simplicidade, acabei lendo o livro em, aproximadamente, uma hora. Porém, tenho que admitir que não gostei tanto da troca repentina de assunto. No momento em que eu estava curiosa para saber o destino de Hana e seu irmão, trocava a história para Fumiko e seus alunos.

No geral, amei o livro e a maneira como o trágico assunto foi abordado. E acho que seria bem interessante se fossem realizadas novas obras em relação ao holocausto, narrando a trajetória de outras pessoas que passaram por tal acontecimento.

Um livro como *A mala de Hana* é capaz de homenagear as vítimas que tiveram suas famílias e vidas roubadas e fazer com que as pessoas de hoje em dia tenham conhecimento do que foi e como ocorreu o holocausto. Eu, como estudante, agradeço por sua obra.

Atenciosamente,
Larissa Silva.

Aluna 4787 - Larissa Silva - Turma 701

Salvador, 10 de setembro de 2021.

Prezada Karen Levine,

Eu sou Juliana Bello e escrevo esta carta a fim de tecer alguns comentários sobre o livro *A mala de Hana*. Escrevo-lhe para demonstrar minha satisfação ao terminar de ler essa obra, cuja história me emocionou extremamente. Estive magnetizada com o enredo, a ponto de acabar a leitura em apenas duas horas. O contraste da tristeza do passado e esperança para o futuro me fez ver o mundo de uma forma diferente.

O livro como um todo me fez refletir, mas, para mim, o trecho em que a mãe de Hana se despede da filha foi o que mais me fez chorar! A narração perfeita do sentimento de adeus foi comovente. É impossível não se emocionar com o trecho de uma mãe dando o último abraço e carinho em sua pequena filha, sabendo que nunca mais a verá. É possível sentir, mesmo após décadas e sobre linhas em um livro, o sentimento de medo, amor e saudade que compartilham. Essa obra me levou a ter muita empatia ao me imaginar naquela situação.

Além disso, a forma como o livro foi escrito, alternando histórias, foi brilhante. Dessa forma, lemos a triste e forte história do passado e temos uma “válvula de escape” ao ver que o próximo capítulo nos traria mais esperança e menos tristeza, voltando ao presente. E ainda, por meio desse livro, conheci projetos que conscientizam sobre a Segunda Guerra Mundial, que mostram as atrocidades cometidas no período. Por meio de informação, tentam evitar que esse absurdo, que matou Hana, seus pais e milhões de judeus, aconteça outra vez.

Concluo esta carta agradecendo-lhe profundamente a experiência inesquecível que foi ler essa fantástica obra. A senhora possibilitou horas emocionantes e encantadas a muitos leitores e, em nome de todos eles, eu agradeço!

Atenciosamente,
Juliana Bello.

Aluna 4781 - Juliana Bello - Turma 703

Salvador, 10 de setembro de 2021.

Prezada Sra. Karen Levine,

Meu nome é Laís Sanches, tenho 13 anos, estudo no Colégio Militar de Salvador, e estou no sétimo ano do Ensino Fundamental. Em primeiro lugar, venho parabenizá-la pelo maravilhoso livro *A mala de Hana*, cujo conteúdo me emocionou bastante, como em nenhuma outra leitura que já havia feito.

Quando comecei a ler o livro, achei que a história seria muito sem graça e não muito atraente, mas no decorrer da leitura, passei a gostar e a me sentir como se fosse um daqueles personagens, vivenciando fatos reais que ocorreram naquela época do holocausto. O livro narra situações muito impactantes, como na parte em que a mãe dá o último abraço em Hana e a deixa sozinha com seu irmão, a fim de ir para um lugar onde não sabia o seu destino nem se voltaria a rever seus filhos.

Outro momento interessante do livro foi quando George recebeu a notícia de que a sua querida irmã havia falecido na câmara de gás. Quando li essa parte, eu comecei a chorar e a sentir uma dor com relação a George, porque imaginei como eu ficaria muito triste no lugar dele (diante de tamanha crueldade) e ao mesmo tempo como ficaria com muita raiva daqueles que cometeram tal ato de covardia.

Pode ser que, para algumas pessoas, esse livro, baseado em fatos reais, trata-se apenas de mais uma história triste, cheia de desventuras, frieza, guerras e crueldade; todavia, para mim não foi só isso, pois conta uma triste história de uma menina forte e corajosa, que mesmo sendo bem pequena e deparando com tantas adversidades, continuava a lutar para viver e reencontrar seu irmão e seus pais, sem perder a esperança.

A mala de Hana serviu para enxergar o holocausto através dos olhos de crianças que passaram por esse momento tão dramático da humanidade. Essa leitura é excelente, pois nos leva a uma reflexão do que um ser humano é capaz de fazer com outro e que a humanidade pode rever seus erros do passado para fazer uma

história diferente no futuro. Penso que os fatos narrados poderiam ter sido mais detalhados. No mais, considero um livro fantástico!

Atenciosamente,
Laís Sanches.

Aluna 4777 - Laís Sanches - Turma 703

Salvador, 10 de setembro de 2021.

Sra. Karen Levine,

Sou Lopes, aluno do Colégio Militar de Salvador. Estou lhe escrevendo para falar as minhas impressões sobre a sua obra *A mala de Hana*.

Faz tempo que um livro não me fazia chorar tanto. Sempre há o que descobrir através de histórias reais. Espero que um dia o ensino da História seja reconhecido em nosso país e em muitos outros, para o entendimento da sociedade, para não repetirmos os erros do passado e para alcançarmos a paz entre os povos. Ainda existe muito o que ser contado sobre o holocausto e todas as vidas brutalmente interrompidas... É com o coração cheio de dor, que termino este livro, pequeno e cheio de ensinamentos.

A única coisa que eu não gostei muito foi a troca de épocas em cada capítulo. Isso me confundia um pouco, mas de resto, foi uma experiência maravilhosa. Este foi o primeiro livro que eu li sobre a Segunda Guerra. Achei muito interessante e talvez eu leia mais livros desse tipo. Eu me emocionei e chorei diversas vezes com essa leitura por causa das dificuldades que os judeus passaram, das despedidas e das mortes.

É emocionante e indescritível se sentir como um pesquisador, aos poucos descobrindo cada vez mais sobre a pequena Hana, sua história, e tudo que ela representou e ainda representa na história do holocausto e do mundo. É importante conhecer mais experiências de pessoas que viveram aquela época tão sombria e obscura na humanidade, para construir dentro de nós um forte muro de empatia que nos impeça de repetir, no futuro, o ódio e a carnificina que ocorreram diversas vezes ao longo da história.

Nesse livro, em vez de simplesmente ver as pessoas como números, entendemos quão importantes são a liberdade e o respeito, e que vale a pena lutar por isso, uma grande luta infinita, que deve juntar todos os povos, religiões, raças e nacionalidades. Achei muito triste o final por conta de a maioria dos judeus morrerem na guerra. Através de sua mala, hoje, muitas pessoas

sabem de sua história e sua memória permanece viva. Hana foi honrada lindamente.

Agradeço a sua atenção,

Arthur Serra Lopes.

Aluno 5045 - Lopes - Turma 702

Salvador, 30 de setembro de 2021.

Querido Austin,

Meu nome é Clara Eloy, tenho 13 anos e estudo no Colégio Militar de Salvador. Conheci a sua história, conquistas e desafios por meio do livro *Extraordinário*. A forma como supera as dificuldades me emocionou.

Eu me identifico com você. Nasci com síndrome de Poland, uma condição que afeta o crescimento de um dos lados do corpo. Ocorre apenas uma vez em um milhão, tive do lado esquerdo, o que o torna muito mais raro, sendo apenas uma vez em cem milhões! Que sorte a nossa! Com possibilidades tão pequenas, fomos premiados com essas condições. Passei por três cirurgias, embora não sejam muito comparadas com as suas vinte e sete! Tive algumas dificuldades na escola, mas, como você, eu também tive amigos incríveis tipo o Jack Will. Ele pode ter sido um pouco bobo no começo, mas ainda é um amigo incrível, todos os mal-entendidos só deixaram este fato ainda mais claro.

Hoje vivo como alguém quase “normal”. Normalidade. Nunca realmente entendi o que realmente significa. O que seria considerado uma pessoa normal? Acho que não precisamos tentar nos encaixar nesses chamados padrões da normalidade. Admito que, quando mais nova, desejava pertencer a essa classe de pessoas normais, assim como você uma vez desejou. Contudo, sendo sincera, diria que prefiro ser igual a você. Alguém extraordinário!

Com carinho,
Clara Eloy.

Aluna 4779 - Clara Eloy - Turma 702

A pesquisa através do tempo

No ano de 3278 d.C., eu fazia parte do grupo de cientistas mais respeitado de Marte, local que todos os humanos foram após a Terra ser inteiramente tomada por magma, depois da degradação da crosta terrestre causada por pesquisas e perfurações feitas em todo mundo. Em uma noite de domingo, recebi um e-mail com o seguinte texto: “O grupo de cientistas de Marte convoca todos os seus membros para uma reunião sobre a autorização do governo para estudar o centro do planeta e seus componentes no dia 25 desse mês”. Esperei o dia indicado e fui até o prédio onde ocorreria a reunião.

Ao acabar a conversa, nós colocamos os nossos planos em prática e com a ajuda do governo começamos a pesquisa mais revolucionária da história marciana. Eu fui encarregado de comandar os estudos dos materiais que eram removidos de lá. No terceiro dia de trabalho, recebi, no meu laboratório, uma visita do Tommy Ucland, uma das pessoas mais influentes de todo o governo do planeta. Ele me deu o seguinte aviso:

– Jason, eu sei que você é um dos maiores cientistas vivos e, por isso, eu confiei a você este cargo neste grande feito que está acontecendo. O governo está concordando e até patrocinando tudo, mas existem pessoas que não concordam com o que estamos fazendo por conta do que aconteceu na Terra. Tome cuidado e faça um ótimo trabalho.

Após esse dia, comecei a perceber olhares estranhos e comportamentos diferentes vindos das pessoas em todo lugar que ia. Uma noite, eu estava voltando para casa depois do trabalho junto com algumas amostras de substâncias retiradas da parte inferior da primeira camada de Marte, quando fui atacado por dois homens que falavam algo sobre o bem da humanidade. Uma parte do líquido entrou em contato com a minha pele quando eles me derrubaram e acabei desmaiando. Quando eu acordei, estava na Terra e era tudo lindo, não existia nenhuma destruição e os seres humanos viviam em paz. Então, percebi que tinha voltado no tempo. Minha missão se tornou impedir as pesquisas sobre o centro da Terra e tentar

descobrir como funcionava a substância que me fez viajar no tempo: um mundo inteiro estava em minhas mãos e eu não sabia como fazer para ele não ser destruído.

Passei meses procurando pessoas influentes, conversando com cientistas e estudando a viagem no tempo. Consegui convencer as pessoas mais poderosas do mundo, através de descobertas que ainda não tinham sido feitas (como o controle total do magnetismo), a não continuarem causando danos ao planeta em nome do lucro. O meu trabalho de salvar o planeta estava feito, mas o de voltar ao meu tempo não, já que tudo aquilo não ia mais acontecer.

Quando eu não estava impedindo a destruição da Terra, estava estudando o que me trouxe para aquele ano e lugar. Consegui descobrir que o líquido, na verdade, modificava o tempo, ou seja, tudo aquilo que estava à minha volta regrediu, menos eu. Muitas pessoas estavam interessadas no que eu tinha e queriam saber como a viagem no tempo era possível. Depois de muito tempo, tomei uma decisão muito importante: me liberei da substância. Para isso, pedi ajuda de pessoas em quem eu confiava muito e que trabalhavam em estações espaciais para levá-la de volta a seu planeta.

Depois de salvar toda a Terra e trazer vários dos avanços feitos em Marte para ela, eu vivi o resto da minha vida como herói e como o maior pesquisador do tempo em que fiquei, formei uma família e permaneci feliz e em paz.

Aluno 4765 - Muniz - Turma 701

Planeta HAKY-900

Era o ano de 2050. A Instituição Brasileira Aeroespacial de Pesquisas (IBAP), criada há 5 anos, estava se preparando para sua primeira missão espacial rumo ao planeta ainda não explorado, denominado HAKY-900, localizado em outro sistema solar, com a metade do diâmetro da Terra.

O astronauta escolhido para essa expedição foi o cientista, engenheiro aeroespacial, piloto de teste e professor brasileiro, James Carvalho. O objetivo de James era coletar amostras de rochas presentes naquele planeta para serem estudadas.

No dia do lançamento, o astronauta vestia o novo traje espacial criado pela IBAP, confeccionado com um material muito resistente, capaz de suportar as mais variadas situações nas quais o cientista poderia se envolver durante a expedição. Estava levando consigo uma pistola de energia, que desmaterializa qualquer ser, e um analisador de formas, que consegue escanear todo tipo de objeto, como também pode replicar o objeto escaneado. A nave espacial produzida pela IBAP, denominada de Expresso Arara Azul, foi construída especialmente para essa missão.

Instantes após a partida, o Expresso Arara Azul aterrissou no planeta HAKY-900. O comandante da expedição o monitorava da Estação Espacial na Terra. Ele lembrou ao professor de que não poderia se afastar muito da nave, pois correria o risco de perder a conexão com a Estação.

O astronauta James Carvalho, ao sair da nave, sentiu orgulho por ser o primeiro homem a pisar naquele planeta, mas foi tomado pelo sentimento de angústia e de medo. Ao explorar o local, observou que a vegetação era formada por plantas dispersas e diferentes, a gravidade também não era parecida com a da Terra.

Com o propósito de cumprir a missão, James entrou em uma caverna para coletar amostras de rocha. Após passar horas explorando, se deu conta de que estava adentrando demais na caverna, então, decidiu voltar para a nave. Passou muito tempo tentando encontrar o caminho de volta, sem conseguir; ele tentou se

comunicar com a Estação, mas havia perdido a conexão por ter se afastado da nave. O astronauta começou a entrar em desespero. Por causa de sua imprudência, estava sozinho dentro da caverna, sem o auxílio de ninguém para achar o caminho de volta.

Após algumas horas sem conseguir contato, o comandante mandou ativar o robô de emergência instalado no Expresso Arara Azul para encontrar o astronauta por meio do localizador colocado em seu traje. Enquanto isso, James ainda procurava a saída da caverna.

Quando o robô foi ativado, imediatamente começou a procurar pelo astronauta. O professor, após ficar horas tentando encontrar o caminho de volta, conseguiu ver uma abertura na caverna. Entusiasmado, foi em direção à abertura, ao sair, observou ao seu redor e não encontrou sua nave, chegando à conclusão de que estava perdido.

O astronauta já estava exausto, pois ficou muito tempo sem comer e beber. Precisava encontrar a nave imediatamente. Depois de caminhar por muito tempo à procura do Expresso Arara Azul, o cientista não aguentou mais e desmaiou. Por sorte, o robô o encontrou.

Carvalho acordou dentro da nave com o robô lhe fornecendo suprimentos. Depois da aventura assustadora, o professor retornou à Terra feliz por ter sobrevivido e cumprido sua missão: escanear diferentes tipos de rochas do planeta HAKY-900 para estudos a respeito da possibilidade de vida em outros planetas.

Aluno 5056 - Pedro Esteves - Turma 703

O planeta oculto

Estava indo para a NASA, meu local de trabalho, porque eu e minha equipe tínhamos a missão de entregar suprimentos para as novas bases que estavam sendo criadas em Marte. Então, nós fomos para a MXV-13, uma pequena nave de transporte.

– Lembram do incidente que aconteceu com a NEO? – perguntou Nicolás.

– O incidente em que uma nave de transporte tripulada por uma pessoa simplesmente sumiu do radar? – disse Helena.

– Sim, esse mesmo, lembrei que a missão dela era a mesma que a nossa...

– Não se prenda nos acidentes, Nicolás – respondi – Isso aconteceu 5 anos atrás, já estamos no século XXII, coisas assim não acontecem mais com tanta frequência.

Entramos na nave e iniciamos nossa viagem, demoraria 40 minutos para chegarmos, mas, no meio do caminho, recebemos uma mensagem no rádio, que dizia: “Alô, alguém aí? Alguém na escuta?”

De repente, a nave apagou, tudo ficou escuro, em seguida, um grande tremor, como se algo tivesse batido na nave, e quando me dei conta, tínhamos caído em algum lugar. Saí pela escotilha e vi que estávamos em um planeta com grama roxa, árvores azuis, áreas planas e, de algum jeito, oxigênio. Helena gritou:

– Onde estamos, e como ainda estamos vivos?

– Eu não sei – respondi – Mas onde está o Nicolás?

– Estou aqui – respondeu Nicolás.

Chequei a nave e ela ainda estava funcionando, mas estava sem energia. Tentei usar uma das duas baterias reservas, a nave ligou; mesmo assim, a bateria estava sendo consumida rapidamente, mesmo com a nave parada. Helena logo percebeu, ela tentou ligar sua lanterna e não conseguiu.

– A atmosfera desse planeta tem partículas que absorvem energia – afirmou Helena – E pelo visto elas estão concentradas no ar.

Decidimos que seria melhor explorar o planeta, para ver se achávamos alguma fonte de energia em alta escala. Em nossa busca,

achamos cogumelos gigantes, plantas estranhas e diversos rios com água de cor verde, mas nenhuma fonte de energia. Percebemos algo estranho: algumas árvores estavam marcadas com riscos. Seguimos essas marcações e chegamos em uma casa feita de madeira azul, e lá tinha um homem, que falou:

– Finalmente alguém veio me buscar! Estou salvo!

– Na verdade não – respondi – Caímos nesse planeta por acidente e estamos pensando em como sair daqui.

– Espera – falou o homem – Vocês vieram de uma nave, certo? Tem alguma bateria?

– Sim, nós temos uma.

– Glória! Estamos salvos! Estou aqui há 5 anos, e sei que a atmosfera desse planeta suga a energia, mas as moléculas não atravessam o plástico!

Nós tentamos fazer o que o homem dizia: revestimos nossa última bateria com plástico e realmente deu certo! A nave conseguiu decolar para fora do planeta, e quando saímos, nossa chefe nos enviou uma mensagem pelo rádio:

– Por que sua localização estava indisponível há algumas horas?

– Nós descobrimos um planeta desconhecido, que é ocultado pela sua atmosfera, estamos voltando para a base.

Nós voltamos para a base e mostramos a localização do planeta, não conseguimos concluir nossa missão, mas fomos os responsáveis por descobrir o segundo planeta com condições de vida do nosso sistema solar!

Aluno 4784 - Pedro Veras - Turma 703

8º ANO

Educação financeira no ensino básico

Educação financeira consiste em práticas que têm o objetivo de trazer qualidade de vida, por meio da construção de um planejamento financeiro, tanto para o presente quanto para o futuro de uma pessoa. Porém, constantemente, esse planejamento não é visto aqui no Brasil, país que passa por uma grande crise econômica piorada pela pandemia da Covid-19. Portanto, a implementação da educação financeira nas escolas é importantíssima para preparar os jovens para a vida adulta.

A educação financeira ajuda a controlar gastos, a poupar dinheiro e até mesmo a saber quando investir em determinado negócio. Além disso, nesse ciclo consumista em que vivemos, essa prática aprimora nosso autocontrole e visão analítica sobre cada situação.

Segundo José Vignoli, educador financeiro do portal educacional “Meu bolso feliz”, a falta de conhecimento sobre finanças é um problema recorrente no Brasil, fazendo com que seja imprescindível incluir a educação financeira na formação básica do cidadão brasileiro. Para complementar, de acordo com uma pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas, 45,8% dos entrevistados não praticam um controle sistemático do seu orçamento.

Enfim, em meio aos tantos problemas vivenciados pela sociedade brasileira, é preciso reforçar que a implementação da educação financeira no ensino básico pode ser o primeiro grande passo tanto para a melhoria da posição econômica dos brasileiros quanto para o aumento da qualidade de vida e do bem-estar do jovem, que é o futuro econômico social e político da nação.

Aluno 4611 - Roriz - Turma 802

Uma fazenda longe da civilização, um dia monótono de 2021.

Querido primo,

Sei que você ainda é muito pequeno para entender as situações que ocorrem no mundo de hoje. Provavelmente, daqui a alguns anos, você estará lendo novamente esta carta e se lembrando do momento em que vivemos. Quem diria que o planeta passaria por uma situação tão desesperadora como esta? Um pequeno vírus que conseguiu mobilizar a todos. COVID-19: a pandemia que ficará marcada na história e em nossas vidas!

Quando a primeira notícia sobre o vírus saiu no ano passado, muitas pessoas não estavam preocupadas. Era difícil imaginar tamanho caos, principalmente para nós que nunca havíamos passado por algo assim antes. Lembro-me bem de quando minhas aulas pararam. Eu olhava pela janela e não ouvia mais o barulho das buzinas, conversas e músicas. Tudo se resumia ao silêncio. Silêncio de pessoas angustiadas e sem saber o futuro que nos aguardava. No início, foi assim. Porém, o pior ainda estava por vir, quando a população passou a quebrar ordens, a não ter paciência, a sair para festas, bares... E isto era o que mais me revoltava. Os contaminados só aumentavam. Graças a meu bom Deus, não tivemos casos graves em nossa família, mas ouvi muitas notícias de amigos morrendo, sendo internados, adoecendo... Tudo isso por conta de pessoas que não impediam a contaminação. Como era possível alguém, sabendo dos riscos, fazer aglomerações? Para quê? Para desafiar as autoridades? Por acharem que eram “imunes”? Por não terem empatia? Pode ser que sim ou talvez por estarem desesperadas, assustadas e inseguras. Mas esta não é a forma correta de se agir. Por todo este tempo que se passou, concluí que, se não nos conscientizarmos, nunca superaremos essa enfermidade. A saúde é muito mais importante do que festas e questões políticas, afinal, sem vida, como poderemos curtir, debater e conversar? Este meu modo de pensar não condiz com a parcela irresponsável da população e isto me incomoda. Não adianta somente vacinas ou remédios, mas é

necessário que a população entenda a gravidade da situação e aprenda com este momento. Nada ocorre por acaso. Não adianta passarmos por essa pandemia e não aprendermos algo para usar no futuro.

Para minha segurança e por todo este meu incômodo, eu e minha família viemos para esta fazenda longe da civilização, mas sempre atentos às informações. Ouvi muitas pessoas falando que os noticiários eram muito extremistas e pessimistas, mostrando somente coisas ruins. Isto é verdade, mas também é reflexo da irresponsabilidade da população. A solução da COVID-19 não é um problema individual ou relacionado apenas aos cientistas, médicos e enfermeiros. A solução é um problema de todos. Se cada um não fizer sua parte, nada vai se resolver.

Porém, querido primo, diferentemente do que você possa estar pensando, a pandemia não trouxe apenas coisas ruins, como morte, sofrimento e revolta. Como tinha dito, precisamos extrair algo de bom desta situação e de outras que ainda estão por vir. Pense no que esta pandemia fez para nós. Prendeu-nos em casa? Nos fez sofrer? Nos fez perder pessoas queridas? Sim. Infelizmente, tudo isso aconteceu. Mas, esses acontecimentos acabam nos forçando a refletir como pequenos detalhes nos passam despercebidos. Como nesse período, pudemos passar mais tempo com nossa família, conhecê-la melhor e aproveitar cada momento. Agora, temos a oportunidade de dar valor a cada momento que passamos. Além disso, temos a chance de fazer uma reflexão sobre o que o mundo e o que nós, como parte dele, devemos melhorar. Com o tempo que temos agora, podemos pensar nas diversas situações da vida e tentarmos ser pessoas mais empáticas, alegres, prestativas...

Enfim, meu querido primo, o que quero lhe dizer é que o ser humano precisa mudar o seu modo de agir para superar problemas como a pandemia. As experiências que passei durante esse período de COVID-19 podem ter sido mais leves do que outras pessoas passaram, mas o mundo tem que estar unido para se salvar. Não sabemos por quanto tempo passaremos por situações como essa, nem se nossos filhos ou netos também sofrerão essa experiência. Por isso, precisamos aprender algo bom com os momentos ruins. De

qualquer forma, espero que esteja tudo bem com você e com o resto da nossa família. Estou muito ansioso para revê-lo! Se Deus quiser, a pandemia vai acabar e o mundo vai melhorar. Mal posso esperar!

Um abraço carinhoso,
Seu primo, Larry.

Aluno 4634 - Araripe - Turma 802

Medos de criança

Assim que o pai fechou a porta, o menino abriu os olhos. Com apenas seis anos de idade, já tinha uma imaginação muito fértil. Estava perturbado com algo e não conseguia relaxar. Olhava ao redor do quarto sombrio, cujo único som era o do ventilador de teto. Estava atento, mas pensou consigo mesmo que já era muito crescido para ter medo do escuro. Levantou da cama e vasculhou todos os cantos para encontrar o que lhe assustava. Quando olhou na última estante, notou que havia uma sombra estranha. Colocou logo seus óculos noturnos imaginários, o que significava, na verdade, ligar a luz de sua lanterna, e viu que era apenas um dos seus robôs de brinquedo. Então, para não mais se assustar, pegou um dos seus travesseiros e derrubou o “monstro”.

– Pronto! Agora não tenho medo. O escuro não me assusta mais – pensou ele.

Com todo esse esforço, resolveu ir até a cozinha para beber água. Ao sair do quarto, deparou com um corredor sombrio, mas andou confiante, até que se lembrou de algo aterrorizante. O que faria caso aparecesse um monstro? Novamente com medo, sentiu-se numa selva, rodeado de animais ferozes. Em um ato de coragem, subiu em uma árvore imaginária e usou um cipó para se balançar e conseguir chegar à cozinha.

– Não adianta tentarem me pegar! Eu sempre vou fugir! – gritou para as tais criaturas.

Chegou então ao seu destino final. Só precisava de um copo para ter sua recompensa depois de uma difícil jornada contra seus medos. Porém, ele era baixinho e não alcançava o filtro, o que o deixou com uma sensação ruim. Sentiu-se só e, quando o “monstro da solidão” estava quase o devorando, a luz do cômodo se acendeu. Era o pai.

– Que barulheira foi essa, filho? Já viu que horas são? Era para você estar dormindo!

Mas o menino nem viu o tempo passar e nem se importou com o sermão do pai. Correu para abraçá-lo, contando tudo que ocorreu

e como estava feliz por ter vencido seus medos. Mas, quando olharam melhor o estado da casa, a situação piorou.

– Meu filho! Você destruiu a casa inteira! Parece que passou um furacão por aqui!

Neste momento, o menino percebeu que, na verdade, a árvore que escalou era a cadeira de balanço de sua avó, e o cipó era o lustre que o pai acabara de comprar. A selva que imaginou era agora uma casa totalmente bagunçada. Então, começou a chorar:

– Desculpa, pai! Eu tinha que lutar para os monstros dos meus medos não me pegarem!

O pai ficou calado por um tempo e então acolheu o filho, verbalizando que estava impressionado com ele por ter achado um jeito tão leve de superar seus medos.

– Não, papai! Eu tive que lutar muito. Não foi fácil! – disse o garoto, inocentemente.

– E nem será. É que muitos não querem nem tentar vencer seus limites. E você fez isso. Mas não precisa entender, meu filho. Por enquanto, apenas se preocupe com os seus medos de criança. Só que nem pense que vai se livrar de um belo castigo, viu?

Aluno 4634 - Araripe - Turma 802

Viver para colorir

Eu e minha família, em 2017, vivenciamos uma das nossas melhores experiências: uma corrida. Nos meus dez anos de idade, isso poderia ser algo insignificante e passageiro, porém, percebi o quão importante são as vivências quando estamos perto das pessoas que amamos. E, por isso, esse momento sempre será lembrado por mim.

Na cidade de Salvador, onde moro até hoje, organizou-se um evento beneficente chamado Corrida Colorida de Combate ao Câncer Infantil, que possibilitava tanto a competição quanto a diversão dos participantes. Soubemos que aconteceria por meio de minha tia e logo aceitamos o convite, pois seria uma forma de nos encontrarmos no fim de semana. Eu e minha irmã ficamos animados, porque receberíamos um pó específico para brincar no evento, cuja cor nós escolheríamos. Além disso, o dinheiro da inscrição seria convertido em ajuda às crianças com câncer, o que tornou a proposta mais atrativa.

A corrida ocorreria na orla e, como meus avós moravam perto, meus pais, minha irmã, meus tios, meu primo e eu nos reunimos lá para irmos juntos. O que não esperávamos era minha tia aparecer com a camisa do evento toda cortada. Ela havia escolhido um tamanho maior e teve que ajustá-la, porém, a blusa ficou irregular e engraçada.

Lembro que o local estava muito bonito e enfeitado, mas fomos logo para linha de largada. Só então descobrimos que, ao longo da corrida, haveria algumas estações onde estariam pessoas da produção que jogariam pó colorido. Isso foi suficiente para que nós quiséssemos ver se as cores que escolhemos estavam nesses pontos do percurso.

Foi dada a largada e, durante grande parte da corrida, brincamos de jogar pó em nós mesmos. À medida que passávamos por cada uma das estações, mais cores se impregnavam em nossas roupas, o que era de se esperar, pois deitávamos no chão e fazíamos uma espécie de anjos de neve, mas desta vez com pó colorido. Com certeza, eu não faria isso novamente por ser algo um tanto estranho,

uma vez que brincávamos na rua onde os carros passavam. Lembro-me de ver algumas crianças atendidas pelo projeto se divertindo também, transmitindo uma sensação de gratidão e superação, pois em meio às dificuldades, curtiam cada momento. Imaginei o quanto eu também estaria feliz no lugar delas, ao ver que o próximo estava me ajudando.

Divertimo-nos muito, mas, se tivéssemos nos inscrito para competir, teríamos certamente chegado em último lugar. Recordo-me de sairmos da corrida parecendo um arco-íris, pois nossas roupas estavam uma mistura infinita de cores. Minha avó ficou surpresa quando voltamos para sua casa, pois até nossos cabelos tinham mudado de cor.

Não tenho como esquecer algo tão importante na minha vida. Unimos nossa família e ajudamos o próximo, vendo o sorriso de cada criança do projeto. São momentos como esse que, mesmo simples, me mostraram a importância de viver para colorir.

Aluno 4634 - Araripe - Turma 802

9º ANO

Coronavírus

Era para só o corpo afetar
Mas a cabeça também acabou saindo do lugar,
É tanta coisa acontecendo,
Às vezes esqueço que estou vivendo.

Os sintomas comuns são: febre e falta de ar,
Mas tem outros que esquecem de citar,
A saudade é um exemplo,
Ela me corrói por dentro.

Queria eu não manter mais a distância,
Mas não posso esquecer a sua importância,
É por amor que a mantenho.

O que me resta é esperar que isso se acabe,
Para que assim eu possa matar a saudade
Que em segredo contendo.

Aluna 4546 - Camylle Victória - Turma 903

Notícias falsas

As fakes news na quarentena
foram palco para a morte de centenas.
Depois milhares perderam a vida,
a várias mentiras o povo ainda se submetia.

Tem gente se automedicando,
mal sabem que estão se prejudicando.
Médicos já atendem a pessoas com problemas no fígado
causados por tanto remédio ingerido.

Cientistas haviam alertado sobre a única prevenção existente,
mas foi tanta gente furando a quarentena,
que começaram a criar teses que lhes eram convenientes.

Espalhar notícia falsa pode virar crime.
Agora, a vida de quantos vai ser tomada
para que essa medida seja rapidamente aprovada?

Aluna 4469 - Iêda Pimenta - Turma 903

A grande preocupação

O medo e a preocupação nos rodeiam a toda hora,
os noticiários não param de falar,
que a COVID vai nos matar.
Nossos sonhos se paralisaram e os pesadelos estão lá fora.

Estamos realmente perdendo a saúde mental,
todos os dias trancados em casa,
o cansaço a todo momento, não é natural.
Sempre preocupados com a COVID e prendendo nossas asas.

Tudo em home office para a nossa proteção,
a cabeça cheia, precisamos desestressar,
a falta de cuidado pode afetar nossa mente.

Não se fala mais de outra coisa, covid é a atenção,
pessoas ansiosas sem saber como se expressar,
essa situação ficando mais urgente.

Aluna 4928 - Vitória Emanuelle - Turma 903

Não é fácil, mas é necessário

O vírus se disseminou muito rápido.
Muitos assustados, se isolaram,
enquanto alguns não se importaram,
ficando sujeitos ao julgamento do invisível malvado.

Muitas famílias tiveram que se reinventar,
todos em casa começaram a cooperar,
para ninguém ficar sobrecarregado,
pois agora o trabalho de higiene é dobrado.

Pelo menos uma coisa boa aconteceu:
as famílias se uniram ainda mais,
e com o tempo juntos, o laço familiar se fortaleceu.

A vacina finalmente chegou, trazendo a esperança
de acabar com esse confinamento.
Todos estão cansados de ouvir a palavra “isolamento”!

Aluno 4472 - Bruno Baptista - Turma 904

Fake news nos dias de hoje

Nestes dias de hoje, uma história vou contar
sobre uma pandemia, sem previsão de acabar.
Muitas notícias surgem, sendo verdadeiras ou não,
e nestes tempos difíceis, temos que ter união.

Fake news podem surgir de qualquer lugar,
por isso nós temos que ver e alertar.
Fake news causam falta de informação
e podem fazer tudo virar uma ilusão.

O perigo das fake news é real.
Pegar covid pelo pé, isso é normal?
Não é verdade, não é natural.

Nessa última estrofe, venho lembrar,
que temos que ficar em casa e nos cuidar
Para que a covid não venha a se espalhar.

Aluno 4479 - Dimitre Coutinho - Turma 904

Isolamento social

Ah, esse isolamento social
nos fez ficar em casa
e até usar protetor facial.
Todos viramos um pouco donos de casa.

Sem poder sair,
hospitais lotados,
comércios sem poder abrir,
todos tomando cuidados.

Assim, os dias vão passando,
o que era quinze dias,
tornou-se um ano.

E rezam para uma inovação,
todos com determinação
para o novo normal ser a solução.

Aluna 4672 - Emanuelle Soares - Turma 904

O mundo agora

Suportar a angústia e a solidão do distanciamento,
com medo e amargura do isolamento aí vem o pensamento.
Assim me pergunto: será que tristeza cura coração machucado?
Nossa! Que egoísta sou eu? Esquecendo o vizinho ao lado.

Vizinho esse que sofre com a perda dolorosa.
A realidade que estamos vivendo agora é temerosa.
Se longe das pessoas temos que ficar,
só Deus é capaz de nos salvar.

Os nossos corpos estão como estilhaço.
Estamos com medo, sem beijos e sem abraços.
Para a nossa proteção, ficar em casa é a melhor solução.

Solução que se renova a cada dia, com a chegada da vacinação.
A ciência é a esperança da humanidade, que é só gratidão.
Que todos se conscientizem que a vacina é a melhor proteção para
a nação!

Aluno 5034 - Kelvin - Turma 904

Feliz cidade



Salvador 472 anos
 Cidade histórica da Bahia
 “Território africano”
 Terra da poesia
 Aqui nasceu o Brasil
 Capital da alegria

Salvador é capital
 Do estado da Bahia
 Capital do amor
 Da música e da poesia
 Salvador cidade bela
 Terra de toda magia

Terra do acarajé
 Sorriso no rosto e leveza
 Terra de encanto
 E muita beleza
 Povo alegre e receptivo
 Apaixonado por natureza

Soteropolitano arretado
O baiano é animado
Amo tanto Salvador
Por Deus abençoado
Povo acolhedor
Muitas vezes arretado

Minha querida Salvador
De povo festeiro
Pôr do sol encantador
Verão o ano inteiro
De belas praias
Mês bom é fevereiro

Bahia deslumbrante
Com a bela Salvador
Barra... Piatã... Itapuã...
Poesia em flor
Bahia de Todos-os-Santos
Terra de Nosso Senhor

Aluna 5041 - Alana Anjos - Turma 903

Salvador, arretada de boa!



Foto: Acervo Público IMS

Em poucos versos vou te falar
desse amor tão grandioso,
pois não posso mais guardar,
não deixarei você curioso!

Essa terra maravilhosa
foi a primeira capital do Brasil.
Da nossa mata grandiosa
a magia dos índios surgiu.

Aqui passaram muitos povos
que nos deixaram de herança
comida, artesanato, crenças
e também muita festança.

Em uma época distante
passamos por muitas tristezas:
nossos irmãos africanos
foram tratados com muita malvadeza.

Povos da Europa também vieram
e aqui deixaram sua cultura,
seus quitutes deliciosos
e também sua pintura.

Aqui tem festa que não acaba,
com muita dança e molejo,
com cantores especiais
para matar toda vontade e desejo.

Já estou acabando
de falar sobre Salvador,
uma terra cheia de graça
pela qual devemos ter muito amor!

Aluno 5079 - Carlos Henrique - Turma 903

A gigante Salvador

Eu vou falar da maior,
a maior capital do Nordeste,
muita cultura envolvida,
e muita gente que nos acha “the best”.

Vamos ao Pelourinho,
ver a roda de capoeira,
tem também a Ivete,
que levantou poeira!

Perto do Dique do Tororó,
temos a Arena Fonte Nova por ali,
no futebol,
nós temos o BAVI.

Quer tomar um sol?
Vamos para a praia e não deixe para amanhã,
antes no Rio Vermelho,
depois em Itapuã.

O melhor Carnaval do mundo,
Chiclete, Claudia Leite e Leo Santana,
circuito Barra-Ondina,
orla melhor do que Copacabana.

Aluno 4474 - Luiz Mauricio - Turma 903

Salvador, minha querida

Salvador é muito bela,
brilho de toda grandeza,
com seus montes e vales
de extrema beleza,
não me canso de falar:
melhor lugar não há!

A poética de nossa Bahia,
espaço de todos os encantos,
com seus ritos cantados,
aqui se fala de tudo,
vai muito além, profundo,
com seus mitos ritmados.

Tem praias por todo lado,
com diversão o ano inteiro,
brinca até sem dinheiro
o baiano animado,
por Deus abençoado,
por ter nascido festeiro!

A terra do acarajé,
Salvador, cidade bela,
boa terra, boa música,
que não acaba nunca,
o turista cai na farrá,
cada um com seu axé.

O metrô já tá correndo,
um raio que é um brilho,
veloz em cima do trilho,
muito que se esperou,
esse tempo já passou,
deixei de ser andarilho.

Salvador é capital
do estado da Bahia,
grande portal sagrado,
que o sol sempre irradia,
lugar bom para morar,
a terra da alegria.

Se a noite é estrelada,
fica tão magnífica,
a lua cheia apreciada,
baila enlaçando a paixão,
indo além da imaginação,
lá do alto prontifica.

O Porto da Barra é belo,
com águas cristalinas,
uma paisagem que cativa
os olhos dessa menina,
este lugar encantado,
avistando o outro lado.

A capital da poesia,
cidade de São Salvador
a terra da folia,
território do amor,
aqui nasceu o Brasil,
esse país varonil!

Aluno 5049 - Davi Ferreira - Turma 904

Salvadô, Bahia

Preste muita atenção,
pois uma história vou contar.
Em 1500 chegou uma embarcação
que "descobriu" nosso lar.

Foi a primeira capital
que representou nosso Brasil,
tinha um porto excepcional,
digno de um país varonil.

Uma cidade rica em cultura
e com um povo de muita alegria.
Receptividade e ternura
essa é Salvador da Bahia!

O pôr do sol
é impossível perder,
Pode ir pro Farol
Você não vai se arrepender!

Quando se fala em verão,
a gente já pensa em praia.
Bote a toalha no chão
e todos os seus problemas abstraia!

E se quiser renovar a alma,
pro Bonfim você pode ir,
a lavagem distrai e acalma
só deixe a vibração fluir!

Essa é minha cidade,
com uma gente que tem liberdade.
Se ficou com inveja,
já agende a sua viagem!

Bahia e seus encantos

Hoje eu vou falar de um lugar, do meu Nordeste,
eita lugar bom da peste!
Salvador, minha Bahia, aqui só tem magia,
cheia de ginga e etnias.

Na cidade mais bela, baiano não nasce, baiano estreia.
Os turistas se encantam com nossas ideias,
aqui é barril dobrado, não tem papo furado.
Eita povo animado!

Nosso amor pela Bahia não tem fronteiras!
Gostamos de acarajé quente ou frio, de qualquer maneira.
Nossas praias tão lindas e tão belas,
jamais viveremos sem elas.

Oxe? Que lugar encantado, nós somos privilegiados,
terra de Gilberto Gil e Jorge Amado.
“Mainha e Painho” são palavras fortes da nossa cultura,
temos o Elevador Lacerda que nos leva às alturas!

A arte da nossa terra é a nossa música,
criamos canções que não se acabam nunca.
Temos um carnaval cheio de energia,
que puxa milhões de foliões na maior folia!

Aluno 5034 - Kelvin - Turma 904

Salvador, a cidade maravilhosa!

Salvador, capital da Bahia,
essa cidade que só transborda harmonia,
cheia de graça e muita folia,
trazendo a todos uma só alegria!

Com tantos pontos turísticos
que nem dá para contar,
descendo o Elevador Lacerda,
cantando e dançando sem parar!

A terra do acarajé,
que não tem nem o que falar!
Com um sabor extraordinário,
todos têm que experimentar!

Temos praias em todo local,
de Itapuã à Ribeira,
o que falar dessa cidade
que de todas as capitais foi a primeira?

Barra, Pelourinho, Avenida Sete,
o que será que tem por lá?
São ambientes incríveis para se visitar,
que você não encontra em nenhum outro lugar!

Aluna 5016 - Marcella Neves - Turma 904

Maravilhas de minha terra

A primeira capital
que açúcar não faltou,
foi também o local
que D. João VI se abrigou.
Patrimônio nacional,
parabéns, minha Salvadô!

O melhor carnaval brasileiro
atrai gente de todo país.
Berimbau, atabaque e pandeiro,
resgatando a cultura raiz.
E por isso, em fevereiro,
o sotero fica tão feliz!

Caso queira tomar um sol,
praia aqui tem de montão.
Chegue também ao Farol,
no Elevador Lacerda que é altão
ou no Dique do Tororó,
perto do estádio do meu Esquadrão!

Terra do “ó pai” e do “oxente”,
ô jeitinho de falar gostoso!
Quem não quer nos ver na frente,
certamente é um invejoso!
Nunca comeu um acarajé, minha gente,
e quer nos chamar de preguiçoso...

Mas quem vive aqui tem consciência
do quanto esse lugar é lindo!
Terra de luta e resistência,
contra o que vem nos oprimindo.
Quase 500 anos de existência
e seu povo continua sorrindo!

Aluna 4688 - Melissa Moraes - Turma 904

Discussão futebolística

Luiz e Samuel eram dois colegas de escola que adoravam futebol. Todos os dias eles falavam sobre a rodada anterior no intervalo das aulas. Ambos acompanhavam assiduamente o futebol europeu, onde se sobressaem até hoje dois grandes astros: Messi e Cristiano Ronaldo.

Em um desses intervalos, eles decidiram comparar o "ET" e o "robzão" para saber qual deles era o melhor, e acabaram entrando em uma profunda discussão, na qual eles aparentavam estar bastante irritados. Luiz achava que Messi era melhor, pois desde pequeno tinha uma habilidade extraordinária com a bola. Samuel preferia Ronaldo, por causa do tempo que ele passava se dedicando aos treinos. Nenhum conseguia convencer o outro.

Foi então que Luiz propôs uma aposta: na semana seguinte, eles teriam que trazer estatísticas e fatos verídicos que comprovassem a superioridade de cada um deles. O perdedor pagaria um açaí ao outro.

Chegado o dia estipulado, eles levaram folhas e folhas com números, médias por jogo, histórias, etc. Até dados das categorias de base eles tinham. Começaram a comparar um a um, e cada um deles se encantava com o que o outro trazia, o que provavelmente era desconhecido por causa da falta de interesse em saber no que se baseava o pensar do outro. Decidiram entre si que o melhor a se fazer seria apreciar o futebol de ambos enquanto ainda jogam. Quanto ao açaí, cada um pagou o seu.

Aluna 4688 - Melissa Moraes - Turma 904

O desfile dos sonhos

Estava se aproximando um momento especial. Amélia já tinha preparado tudo: fez o enxoval, exames do pré-natal, arrumou o quartinho dos bebês e esperava ansiosamente o dia em que foi marcado o nascimento de seus filhos. A hora chegou. Ela entrou na sala de parto, foi anestesiada e os médicos começaram o procedimento. Tiraram o primeiro bebê, tiraram o segundo, mas o terceiro foi o mais complicado: demoraram mais de 15 minutos para tirá-lo da barriga da mãe. Logo que o viram, perceberam o motivo: ele era enorme!

Assim, nasceram Noah, Arthur e Rafael. Todos parabenizavam Amélia, mas quando viam as crianças, sempre olhavam estranho para Rafael, o maior, e falavam entre si que o menino era estranho e muito grande. Ele cresceu sendo zombado por seus colegas da escola e até por seus irmãos. Excluía-no, chamavam-no de poste, faziam brincadeiras como “Rafa cara de girafa” e pegadinhas de mau gosto com ele. Rafael não tinha amigos e passava a maior parte do tempo triste, perguntando a Deus por que nascera assim. Seu hobby favorito era desenhar, pois conseguia se distrair e colocar as ideias que tinha em sua cabeça no papel, principalmente de roupas, acessórios e tudo que envolvia moda.

Aos 15 anos, ele já não aguentava mais tanta zombaria e desprezo, mas sempre foi um garoto muito forte. Com o tempo, foi aprendendo a lidar com as pessoas, a não ligar para as suas palavras, mesmo sendo difícil. Certa vez, ao chegar do colégio, ele almoçou e foi assistir à televisão. Passando de canal em canal, viu uma coisa que o encantou: um desfile. Várias mulheres e homens altos com roupas exóticas, desfilando lindamente na passarela da Semana de Moda de Milão. Ao deparar com aquilo, ele se sentiu tão confortável consigo, vendo pessoas como ele fazendo trabalhos incríveis, brilhando e sendo prestigiados. Era isso que Rafael queria para a vida dele!

O jovem começou a estudar mais sobre moda, assistir a documentários, analisar as tendências de cada estação e já estava até escolhendo a faculdade de moda que faria. Seu objetivo era subir nas passarelas. O que ele queria era se aprofundar no assunto e

conhecer o que estava por trás de tudo aquilo, pois esse era um universo que ele passou a amar. Rafael fez um concurso, passou na Universidade Anhembi Morumbi (SP) e seu conhecimento e seu esforço abriram portas para chegar aonde tanto queria: ao Desfile de Milão. Ele arrasou, recebeu muitas palmas e elogios. No final, respirou fundo e falou consigo mesmo:

– Este é o meu lugar!

Aluna 4473 - Sara Andrade - Turma 903

Filhos para a vida

Remo é um garoto que tem uma deficiência em uma das pernas e que perdeu sua mãe quando era bebê. Seu pai, Merlino, é muito protetor, pois já havia perdido sua esposa e outro filho. Por esse motivo, não deixava Remo fazer nada sozinho. Porém, após muitos pedidos do garoto, seu pai decidiu matriculá-lo em uma escola.

Merlino descobriu que, já no seu primeiro dia de aula, Remo iria com a turma para uma reserva florestal. Desesperado, resolveu ir atrás do filho para impedi-lo de continuar no passeio. Ao chegar à reserva, Merlino encontrou a excursão e discutiu com Remo, que acabou por fugir indo mata adentro. Seu pai, apavorado, saiu à sua procura e encontrou Dolina, uma andarilha que lembrava de ter visto um garoto com as descrições de Remo passar correndo por ela. Eles então seguiram pelo caminho indicado por Dolina, e depararam com três guardas florestais. Eles falaram sobre a situação e os guardas pediram para os seguirem até uma cabana. Na cabana, os guardas perguntaram como Remo estava vestido e depois de uma breve descrição, eles saíram da cabana e os guardas os orientaram a irem para uma outra direção, assim eles teriam mais chances de encontrarem Remo. Após caminharem por muito tempo, e já perdendo as esperanças, encontraram um grupo de pesquisadores, contaram a história e pediram ajuda para eles.

O líder dos pesquisadores falou para seguirem com eles, pois estavam indo ao centro da floresta e com certeza indo por aquela trilha acabariam encontrando Remo. Os dois, então, seguiram com o grupo por horas até que o líder dos pesquisadores, falou para que eles seguissem reto por aquela trilha, que com certeza encontrariam Remo. E lá foram os dois, chamando pelo menino. Após mais algum tempo, chegaram a uma grande clareira e, para a surpresa deles, lá estava Remo, sentado embaixo de uma enorme árvore, muito assustado e chorando.

Merlino correu, abraçou seu filho e pediu desculpas por ter sido tão duro com ele. Os dois voltaram para casa mais unidos que antes. E Dolina, por não ter família, acabou indo morar com eles, já

que se tornaram muito próximos na busca pelo garoto. Após parar para refletir sobre o ocorrido, Merlino se conscientizou que Remo já não era mais um menino tão indefeso e que, apesar de sua deficiência, estava crescendo e se tornando um rapaz muito responsável. Percebeu que é por meio do diálogo, do amor, do carinho e da confiança que se conquista o respeito do outro.

Aluno 4983 - Stachuk - Turma 903

Cinderelle

Eram exatas nove horas da manhã quando Elle acordou. Radiante, ela pulou da cama, desligou seu despertador e começou a se preparar. Não era um dia qualquer, aquele era o dia em que sua madrinha a pegaria para dar uma volta pela cidade.

Com toda aquela felicidade, nem parecia que ela tinha vivido toda sua vida em um orfanato, sendo jogada de lar em lar. O máximo de tempo que permaneceu em um foram três meses (que facilmente foram por água abaixo após discussões com suas irmãs postiças). As últimas duas semanas não tinham sido fáceis para ela, pois as populares do orfanato implicaram com a menina de tal forma que nem almoçar no pátio principal ela conseguia.

Mas, esperançosa, se arrumou em alguns poucos minutos. Sem muitos acessórios, colocou seu vestido desbotado amarelo, seu sapato engraxado com carvão e foi. O dia do passeio com sua madrinha era especial, ainda que nem todo ano a madrinha fosse a mesma, mas todas pelas quais já havia passado eram simpáticas, legais e sempre faziam seu dia único.

Elle só não esperava que o seu aniversário de 15 anos seria tão diferenciado quanto foi. Pontualmente, sua madrinha pegou-a na frente do orfanato, percorreu um quarteirão e já estavam no maior shopping da cidade. Vê-lo não era novidade, a jovem sempre passava ali com desejo nos olhos, esperando por uma fada madrinha que um dia pudesse lhe ajudar, talvez aquele fosse seu dia de sorte.

– Tia Sandra, o que achou desse? – indagou Elle, enquanto rodava seu vestido azul com lantejoulas pratas.

Com apenas um gesto com a cabeça, a madrinha acenou, fazendo com que Elle se sentisse uma verdadeira princesa. E foi em questão de segundos que um menino no shopping começou a encará-la. Na verdade, uma moça tão bela assim como ela atraía diversos rapazes, mas foi especificamente aquele com o cabelo cacheado que a atraiu. Usava uma calça jeans com um tênis preto e branco, o cabelo era sedoso como nenhum outro, parecia até uma propaganda de cosméticos quando ele mexia no cabelo.

Com uma piscada forte, Ele voltou a prestar atenção em Tia Sandra, que praticamente gritava para a afilhada voltar a prestar atenção nela.

– Você prefere o vestido e esse tênis ou o vestido e esse salto? – questionou Sandra.

Apontando para o que queria, Ele escolheu os tênis, personalizados com a inicial do seu nome. Com uma sacola enorme e pesada, a jovem saiu andando pelos corredores. Até chegar ao carro, acabou deixando seus tênis caírem no chão. Não deu por falta, estava apressada.

Voltando ao seu lar, despediu-se da sua madrinha e rapidamente subiu ao seu quarto. Era tanta ansiedade para mostrar as compras para suas colegas! Mas não teve nem tempo de subir todas as escadas, surpreendeu-se com um grito:

– EU O PEGUEI, O PEGUEI!!! – ofegante, exclamou o menino com cabelo cacheado.

Entregou a ela os tênis e andando pela rua naquele pôr de sol, saiu vagando.

Aluna 4469 - Iêda Pimenta - Turma 903

A sambar pretendo levar a vida

Em uma casa localizada em um bairro nobre no Rio de Janeiro, vivia uma bela jovem, chamada Cinderela, com a sua madrasta e as suas duas irmãs. A moça era filha de um famoso dançarino, músico e viúvo que havia se casado novamente na tentativa de encontrar uma nova mãe para a sua filha, entretanto, a mulher com quem ele havia se casado e as suas filhas eram muito más e, depois que ele morreu, elas passaram a maltratar Cinderela, forçando-a a realizar tarefas domésticas para a família.

Em um certo dia, a madrasta de Cinderela recebeu um convite de uma grande festa que João, o filho de um dos homens mais ricos do Rio, pretendia dar para encontrar a mulher dos seus sonhos. Decidiu enviar as suas filhas para o evento, com exceção de Cinderela, alegando que ela não tinha roupas adequadas para ir nesse tipo de evento, entretanto, a verdade era que ela temia que Cinderela sambasse tão bem como o seu pai e conquistasse o coração de João.

Apesar de tudo, Cinderela não desistiu e decidiu fazer o seu próprio vestido para a festa com a ajuda de um tutorial do YouTube. Ao conseguir realizar o que queria, comemorou o seu feito no Twitter, publicando também as fotos do seu vestido. Porém, no dia do evento, as irmãs de Cinderela descobriram o vestido ao verem o Twitter da jovem e o cortaram em picadinhos.

Cinderela, desolada, subiu na mangueira da sua casa e começou a chorar, lamentando-se:

– Como sou tapada! Por que eu tinha que expor todo o meu trabalho em minhas redes sociais!?

De repente, Cinderela começou a ouvir o som de um pandeiro...

– “Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé, mande essa tristeza embora, basta acreditar que um novo dia vai raiar, a sua hora vai chegar”! Oh, não fique assim! Deixe eu dar um jeito nisso... – disse um papagaio com um pandeiro nas mãos.

Então, o animal tocou o seu pandeiro e, magicamente, fez de uma bicicleta um carro para Cinderela; das roupas velhas da moça,

um belo vestido; e da manga que havia na árvore, um pandeiro. Cinderela, muito agradecida, entrou no carro para ir à festa, mas não antes de ouvir o aviso do papagaio de que o feitiço só duraria até à meia-noite e, por isso, ela teria que voltar para casa antes desse horário. Ao chegar ao evento, a moça começou a sambar e a tocar o seu pandeiro, chamando a atenção de João, que ficou tão encantado com a maneira que ela sambava e tocava que a chamou para dançar e ambos começaram a sambar juntos. Era tanta harmonia que até os pássaros cantavam em conjunto e todos batiam palma no compasso. João havia finalmente encontrado a sua correspondente. As coisas iam tão bem que Cinderela se distraiu. Quando finalmente se deu conta, o feitiço havia começado a desaparecer e a sua roupa estava voltando a ser como era antes. Cinderela, desesperada, fugiu da festa, largando, acidentalmente, o pandeiro no chão e foi para casa.

João, no dia seguinte, mandou uma mensagem para todas as mulheres que haviam comparecido ao evento, pedindo que viessem à sua casa para tocar o pandeiro deixado no chão e, assim, ele pudesse reconhecer o toque e encontrar a moça misteriosa. Várias mulheres apareceram para tocar o pandeiro, entretanto, nenhuma tocava sequer similar a Cinderela. João pensou que não havia mais ninguém e que a moça dos seus sonhos havia sido apenas uma ilusão. Até que, quando tudo parecia perdido, uma moça com uma roupa simples apareceu para tocar o pandeiro e, quando ela tocou, João reconheceu o toque e não teve dúvidas: era quem ele procurava! Assim, João pediu Cinderela em casamento e os dois tiveram uma linda cerimônia com uma vista da bela baía de Guanabara e sambaram felizes para sempre.

Aluno 4463 - Medeiros - Turma 904

Falar para vencer

Havia um garoto, muito sonhador, que se chamava Peter. Ele tinha um sonho de ser militar do Exército, porém, recebia uma forte pressão de seus pais e isso sempre o deixava bem chateado e ansioso, com medo de não conseguir a aprovação no concurso e, conseqüentemente, desapontar a sua família.

Peter sempre conversava com seus amigos sobre o seu sonho de ser militar, de cursar a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e ser um Oficial, no entanto, em seu interior, ele escondia o seu medo de decepcionar seus familiares, principalmente o seu pai, que era Major do Exército.

Quando Peter estava no 3º ano do Ensino Médio, ele começou a fazer um cursinho para o concurso da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX). Foi um ano de muito estudo e dedicação, mas aquela angústia de desapontar seus pais aumentava a cada dia que se aproximava a data da realização das provas.

Na semana anterior às provas, Peter já não conseguia mais dormir, ficou com prisão de ventre devido ao seu nervosismo. Ele achava que não tinha estudado o suficiente e que não iria conseguir a tal almejada aprovação e, com isso, seus pais não iriam sentir orgulho dele. A sua autoestima e a sua confiança estavam cada vez mais baixas e ele não falava isso com ninguém.

No dia do concurso, Peter entrou na sala muito apreensivo e nervoso, suava frio e tremia sem controle. Com menos de uma hora do início da prova, sentiu fortes dores de barriga, afinal, há quase uma semana ele estava com prisão de ventre. Desesperado, pediu para ir ao banheiro, mas foi quando aconteceu um fato bem desagradável: Peter não conseguiu segurar e fez cocô nas calças.

Envergonhado e muito triste, ele saiu do local da prova e foi correndo para casa. Lá chegando, contou tudo para seus pais, principalmente sobre o medo que tinha de decepcioná-los caso não conseguisse ser militar.

Após ouvir tudo o que seu filho havia passado, os pais de Peter conversaram com ele sobre a importância de falar sobre os seus sentimentos e angústias, ressaltando que eles o amariam

independente de qualquer coisa e que sempre iriam apoiá-lo nas suas decisões.

No ano seguinte, Peter voltou a estudar para o concurso da EsPCEx, porém, agora contava, conscientemente, com o apoio de seus pais e, também, participava de sessões de terapia, o que o tornou mais confiante e o deixou com a autoestima elevada. Ao final do ano, conseguiu ser aprovado, superando seus traumas e medos para realizar o seu grande sonho e ser um vencedor.

Aluno 5005 - Lima Barretto - Turma 904

Primeira viagem de avião

Para o aniversário de 13 anos de Forastieri, a sua família pretendia fazer uma viagem para Brasília e um tour pela zona rural da região, pois ele e sua irmã Cinthia adoram áreas mais isoladas com riachos, cachoeiras e que podem andar a cavalo, coisas que se encaixavam perfeitamente com o local que visitariam. Mas tudo estava sendo planejado somente entre seus pais, pois os filhos nunca tinham viajado de avião anteriormente e eles esperavam que fosse a maior surpresa da vida deles.

Dois dias antes do aniversário e da viagem, a família foi ao shopping comprar roupas e malas, algo que deixou os meninos intrigados. Então, animado e com olhos arregalados Forastieri perguntou:

– Nós vamos viajar no meu aniversário?

Seus pais ratificaram que viajariam, porém, disseram que iriam para a cidade vizinha para visitar os avós, algo que já era normal para eles, o que não puderam fazer com muita frequência, por conta da pandemia. Forastieri continuou contente, pois lá poderia andar a cavalo e ver os avós.

Chegando o dia do seu aniversário, malas feitas e todos arrumados, entraram no carro, mas algo de estranho para os meninos aconteceu, eles estavam indo para o aeroporto. E Forastieri gritou a ponto de perder a voz:

– Aêee! Eu vou viajar de avião!

No aeroporto, fizeram todo o processo para embarcar, mas Forastieri acabou se assustando ao ver que a viagem seria para Brasília, pois ele ficou sabendo que lá, na mesma região para onde viajariam, tinha um serial killer chamado Cléber Assis, que estava pondo terror em fazendas e sítios. A partir do momento que ele descobriu que viajariam para lá, ele começou a se tremer de medo, pois estava realmente com muito receio da viagem. Sua mãe estava fazendo de tudo para aliviá-lo, mas ele já estava quase chorando. Sem paciência, por conta de tanta vergonha, ela o puxou pelo braço e entraram no avião. A viagem foi longa, mas finalmente chegaram em território brasileiro, e ainda agoniado com o seu presente de 13

anos, o garoto não conseguia ver o lado bom de nada. Sua irmã Cinthia estava aproveitando bem mais o aniversário que nem era dela, afinal, ela estava lá para ser feliz. A família foi andar a cavalo, Forastieri até foi, mas desconcentrado, olhando para todos os cantos com medo do Cléber... acabou caindo do animal. Foram tomar um banho na cachoeira... mas nem sequer entrar na água o garoto entrou.

No dia de retornar da viagem e sem aproveitar nada, o menino agradeceu a Deus por estar indo para casa, com um gosto de arrependimento ao ver seus pais tristes, pensando que acabaram planejando o pior aniversário para o seu filho. Ele acabou ficando triste também, pois na verdade ele não aproveitou as suas atividades prediletas em família e muito menos viu o Cléber Assis.

Aluno 5031 - Vilas Bôas - Turma 903

Um vergonhoso medo

Maria, uma adolescente, morria de medo de palhaços. Ela imaginava que eles eram seres malignos e perversos, e ela tinha muita vergonha de que alguém descobrisse isso.

Para o dia das crianças, seu colégio organizou uma ida ao circo e Maria entrou em desespero só de imaginar que veria um palhaço em sua frente. Todos os seus amigos queriam muito que ela fosse, então, ela decidiu ir e planejou que, quando estivesse na hora de o palhaço entrar, elaalaria que estava passando mal e iria embora. Em sua cabeça não tinha como dar errado.

Um mês depois, lá estavam eles no circo, Maria e seus amigos assistiram a todas as apresentações. Tudo ocorreu bem até que chegou a hora mais esperada da noite: quando foi anunciado que o palhaço entraria para se apresentar, a plateia estava muito animada. Maria, que estava sentada junto aos seus amigos, não conseguiu disfarçar o seu espanto, o que deixou um deles muito preocupado:

– Maria, você está bem? Parece que viu um fantasma!

– Estou completamente bem!

A menina respondeu em um tom meio bravo. Ela não conseguia nem sair dali, suas pernas congelaram por completo e suas mãos estavam tremendo. O palhaço disse que escolheria alguém para participar de suas brincadeiras, então, apontou para Maria. A garota, que já estava nervosa, entrou em pânico, mas não queria que seus amigos desconfiassem de seu medo e foi até o palco. Para ela, quanto mais se aproximava do palco, mais assustador o palhaço se tornava. Ele resolveu fazer uma brincadeira: pôs a mão no nariz da menina, puxou e disse que havia arrancado o seu nariz, o que era apenas uma brincadeira. Na cabeça da garota, aquilo se tornou realidade, ela saiu gritando na frente de toda a plateia que aquele homem havia arrancado o seu nariz, tropeçando ao sair do palco o que gerou muitos risos e alguns olhares de pena.

Maria correu para fora do circo com vergonha do que tinha acontecido e por seus amigos terem descoberto sobre o seu vergonhoso medo. Eles correram atrás dela com muita preocupação, pois estavam tristes pelo que aconteceu e disseram que, se

soubessem que a garota tinha medo de palhaços, nunca a teriam chamado para o circo. Ela os questionou se eles não zombariam dela ou deixariam de ser seus amigos por isso, eles falaram que ter medo de palhaço não era vergonhoso e era apenas um medo como qualquer outro. Maria e seus amigos foram juntos para casa e ela estava feliz por seus amigos estarem com ela mesmo depois de saberem do seu medo.

Aluna 4533 - Vitória Maia - Turma 903

A lagartixa lá de casa

Todos nós temos medo de algo, e isso é um fato. Alguns têm medo de insetos, do escuro, e outros têm até medo da solidão. Porém, eu nunca me considerei uma pessoa medrosa, sempre tomava as vacinas sem chorar, curtia montanhas russas e amava assistir a filmes de terror.

Não conseguia encontrar em minhas memórias algo que realmente me causasse calafrios, realmente não me assustava com nada...

– Mãe, não estou encontrando a vasilha rosa que a senhora pediu... Está no fundo do armário?

E foi naquele momento que eu a vi: olhos esbugalhados, mãozinhas abertas, rabo, totalmente escondida atrás das vasilhas plásticas, apenas me encarando com um olhar de pura superioridade.

– UMA LAGARTIXA! – Não sei o que houve depois disso, joguei as vasilhas para cima, bati a cabeça na prateleira do armário e caí dura no chão. Acordei depois 20 minutos com minha mãe me sacudindo. Levantei devagar e perguntei o que era aquilo no armário, e ignorando meu assombro, minha mãe disse:

– Como assim “aquilo”? A Filomena tem nome, é a lagartixa do nosso armário, sempre esteve aqui!

Depois disso, nunca mais abri aquele armário. Não conseguia imaginar como havia pessoas que temiam algo assim... Até o meu primeiro encontro com Filomena. Nunca mais queria ver uma lagartixa na minha frente, já que agora eu sabia que essa seria a primeira e única fobia que eu chamaria de minha: medo de lagartixa.

As semanas se passaram e, desde aquele ataque em casa, não havia visto nenhuma das amigas de Filomena. Tudo ia bem, até aquele dia. Estava na sala de aula, anotando o que a professora passava no quadro à minha frente. Meus colegas gritavam atrás, outros conversavam e alguns prestavam atenção na aula, quando, de repente, senti algo subindo pelo meu cabelo. Mas tudo bem, poderia ser apenas algum besouro, afinal, meu colégio ficava dentro de uma

floresta. Porém, assim que passei a mão, todos olharam para mim em silêncio. Não era uma barata ou um besouro...

– UMA LAGARTIXA!!!! – Dei uma bofetada tão grande na lagartixa que ela voou para a bolsa aberta da professora bem na minha frente. Ela olhou assustada para trás e perguntou: “Eu ouvi lagartixa? Por favor, morro de medo!”.

Ninguém falou mais nada. Quando a professora se despediu de nós e levou a bolsa, apenas ouvimos o grito estridente nos corredores do colégio:

– AI MEU DEUS, UMA LAGARTIXA NA MINHA BOLSA! SOCORRO!

Não ri, ainda estava em choque, mas a sala inteira ao meu redor riu como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. Não fui para a diretoria, mas voltei morrendo de medo para o meu prédio. Não me acostumaria tão cedo com aquele bicho. Assim que cheguei em casa, minha mãe abriu a porta feliz da vida com uma gaiola em mãos:

– Filha, a tia Cinthia trouxe uma versão maior e muito mais bonita da Filomena de sua última viagem à Índia! É um camaleão só para você!

Não consegui nem olhar para o que poderia haver dentro da gaiola, desmaiei ali mesmo.

Aluna 4468 - Lis Barbosa - Turma 904

1º ANO

O Colégio Militar de Salvador na minha vida

Eu entrei neste renomado Colégio neste ano, mas já tive oportunidade de perceber que se trata de uma escola singular, pois nos proporciona um estudo de ótima qualidade, mesmo com as dificuldades que a pandemia impõe a todos nós. Para enriquecer ainda mais o nosso dia a dia, podemos participar de atividades extracurriculares, que não havia nas outras escolas que já frequentei.

Nos processos seletivos para o ensino superior, o Colégio Militar de Salvador (CMS) concorre com as escolas públicas. Porém, seu nível de aceitação nas faculdades, por exemplo, é altíssimo. Algumas pessoas ingressam no ensino militar porque os pais são militares, como é o meu caso; outros têm que fazer concurso e, muitas vezes, chegam a repetir um ano somente para ter a chance de fazer parte da “família garança”. Meu pai passou por isso e não se arrepende nem um pouco, pois o Colégio lhe assegurou a vida que tem hoje.

Com a chegada da Covid-19 e durante o *lockdown*, o ensino passou a ser totalmente remoto, o que influenciou diretamente em sua metodologia. As aulas e provas tiveram que sofrer ajustes. Dedicou-se um período, no início deste ano, para revisar os conteúdos ministrados em 2020, a fim de garantir o nosso aprendizado e a fixação dos conteúdos.

Este colégio lança a base para o nosso futuro, mas é claro que só “estar” nas aulas não vai nos preparar para tudo que vem a seguir. Nós temos que fazer a nossa parte e estudar diariamente. Nestas poucas semanas, desde que entrei no CMS, percebi que, se estudar não fizer parte da minha rotina, eu não vou conseguir chegar ao objetivo desejado.

Ao pensar em nosso futuro, percebemos que o CMS nos proporciona diversas atividades, ajudando a decidir a área que queremos seguir. Podemos nos inscrever em alguns clubes, os quais se aprofundam no estudo das matérias, direcionando melhor os alunos para suas vocações. Um exemplo é o Clube de Relações Internacionais, uma opção muito interessante para as pessoas que gostariam de conhecer um pouco sobre essa área de trabalho. Eu,

particularmente, ainda não me inscrevi em nenhum clube, mas os meus colegas de sala disseram que todos são ótimos e que as atividades são bem organizadas e educativas.

O colégio tem o privilégio de desfrutar do reconhecimento de todos pelo seu ensino de excelência, mas somos nós, alunos, que temos a honra de estudar nesta instituição e construir a sua história. Assim que entrei, percebi um ensino diferenciado, um pouco mais difícil, mas tenho certeza de que vai me preparar para o futuro. Zum zaravalho!

Aluna 4960 - Beatriz Castro - Turma 102

Salvador, março de 2021.

Querida avó Rosinha,

Eu estou escrevendo esta carta, pois estou com muita saudade da senhora! Perdoe-me por não ter passado o ano novo na sua casa. A pandemia do novo coronavírus não permitiu. No início de março do ano passado, o primeiro caso foi confirmado no estado onde vivo. A partir daí, o quadro foi apenas se agravando. Uma medida de prevenção encontrada pelos estudiosos foi o *lockdown*. Esse confinamento trouxe muitos benefícios para a contenção da COVID-19. No entanto, também acarretou muitas dificuldades. Além disso, esse distanciamento me mostrou muitas coisas que antes eu não percebia.

Antes da chegada desse vírus ao país, eu nunca pensei que teria que utilizar uma máscara ao sair de casa; eu nunca pensei que 2020 seria um ano tão diferente; eu nunca pensei que eu saberia, por intermédio da televisão, de tantas pessoas enfrentando uma doença e lutando para sobreviver; eu nunca pensei que a única coisa que eu poderia fazer para minimizar isso seria ficar em casa. O ano passado foi marcado por muitas dúvidas e questionamentos sobre o futuro. Cada um de nós passou a conviver com a triste realidade de que as pessoas que mais amamos podem ser infectadas por algo que não conseguimos ver.

O *lockdown* tem o intuito de diminuir o fluxo de pessoas nas ruas e, por conseguinte, reduzir o número de casos e de mortes. Entretanto, ele traz consigo muitos prejuízos, como, por exemplo, a suspensão das aulas presenciais nas escolas e faculdades. Os encontros com os professores e colegas estão sendo feitos via internet. Essa foi uma solução muito boa para que nós, alunos, não percamos o ano escolar, mas as dificuldades de conexão e, em especial, a falta de acesso à internet são apenas alguns dos vários problemas que se tornaram cotidianos.

O isolamento social é essencial para a contenção do vírus? Este se mostrou bastante eficaz quando os meus pais foram infectados pelo coronavírus. Eles se trancaram no quarto e só saíram 15 dias

depois. Eu e a minha irmã Ana tivemos que fazer a comida e cuidar da casa. Claro que foram semanas bastante difíceis, mas era a única maneira de prevenir que o resto da família ficasse doente.

Esse organismo infeccioso que está presente em quase todos os países do mundo é capaz de tirar a vida de qualquer pessoa. Isso me fez pensar muito na nossa família. Passar tempo com eles tem sido muito bom, pois me fez perceber a importância que os meus pais e a minha irmã têm para mim. São eles que sempre estarão ao meu lado, sejam quais forem as dificuldades ou a distância.

Neste período, no qual não podemos sair de casa, eu e a Ana tentamos fazer várias coisas que pensávamos que não conseguiríamos, como cozinhar os pratos que costumávamos comer nos restaurantes e tricotar cachecóis. É bem verdade que nem todos deram certo, mas foi bem divertido tentar. Além disso, comecei a passar mais tempo com os meus pais. Agora nós vemos vários filmes e jogamos os mais diversos jogos de tabuleiro juntos, coisas que não fazíamos com tanta frequência.

Então, vovó, o único conselho que posso dar para a pessoa mais sábia que eu conheço é: divirta-se da forma que for possível, pois a vida ainda não acabou! Toda a nossa família só deseja que a senhora tome cuidado, mas não se prenda excessivamente. A senhora, com toda a sua experiência de vida e sabedoria, merece o mundo! Espero que, quando tudo isso passar e o uso desse acessório que machuca a nossa orelha não for mais necessário, possamos nos encontrar pessoalmente e valorizar cada momento simples de convivência com as pessoas que amamos. Lembre-se de que nós sempre estaremos aqui de braços abertos para apoiá-la incondicionalmente.

Com um forte abraço virtual de sua neta,
Gabi.

Aluna 4959 - Daniela Castro - Turma 104

Terra do Axé, 20 de março de 2021.

Olá, meu prezado familiar!

Nestes últimos dias, tenho pensado bastante sobre a pandemia da COVID-19, bem como seu impacto em âmbito global. Estamos vivendo uma época atípica em que essa doença, que também é chamada de coronavírus, nos obriga a lutar por nossa sobrevivência. Além disso, percebi que ela está causando grandes mudanças na forma de viver e está afetando a saúde mental das pessoas.

Quando a pandemia começou, foi decretada a quarentena e medidas de segurança à saúde da população começaram a ser tomadas. Os cidadãos foram obrigados a se adaptar a essa nova realidade, de forma extremamente rápida, isolando-se em suas casas, tomando o máximo de cuidados possíveis, só saindo se fosse extremamente necessário. Desse modo, a convivência familiar aumentou e proteger a nós mesmos passou a ser proteger o outro. Esse “inimigo invisível” nos fez reféns do medo e da incerteza.

Vi pessoas chorando, desesperadas porque perderam um ente querido diante de si. Outras sem um pingo de esperança em seus olhos. Mas a pior visão que tive foi a de observar diversas covas, esperando inúmeros corpos de vítimas desse vírus. Isso me tocou de um jeito inexplicável. Tudo pode ser visto pelos meios de comunicação. Por isso, cuidar do bem estar mental se tornou uma tarefa difícil, resultando no desencadeamento de problemas emocionais como ansiedade e depressão que, em situações extremas, levaram alguns indivíduos a cometerem suicídio.

Muitos cidadãos desenvolveram medo da morte ou de ficarem gravemente comprometidos em seus movimentos, de contaminarem os outros ou de serem contaminados. E até mesmo de sofrerem impactos das repercussões econômicas, surgidas a partir da pandemia.

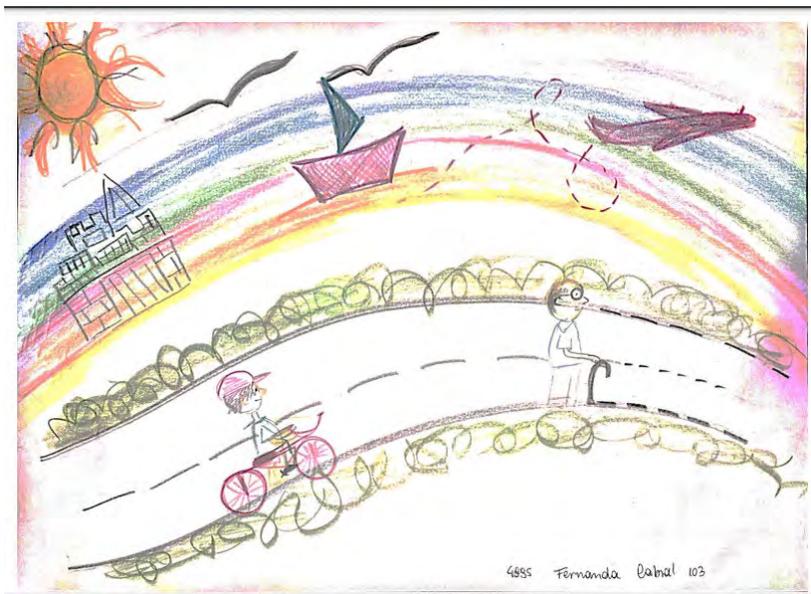
Por isso espero, caro familiar, que por meio desta carta, você consiga entender como está sendo minha experiência com a COVID-19 e o meu ponto de vista sobre as suas consequências. Anseio que,

em um futuro próximo, isso tenha um fim, para que possamos nos encontrar, dar aquele abraço apertado e carinhoso, conversar por horas, pessoalmente, como fazíamos.

Afetuosamente,
Esperança.

Aluna 4544 - Camille Grimaldi - Turma 104

Sobre poetas, crianças e velhos



Eu sempre digo que não há nada mais perfeito do que poetas e crianças. Na verdade, quem falou isso foi o Rubem Alves, mas eu concordo plenamente e copiei mesmo. Pois que hoje, enfim, questioneei tal crença ao ver uma linda cena, no caminho de casa: um casal de idosos pulando amarelinha. Naturalmente que não terminei a caminhada.

Envelhecer: uma árvore de outono que, perdendo suas folhas, fica ainda mais bonita. Envelhecer é renascer várias vezes. É perceber que é brincando que se aprende. É encarar a solidão e – ainda mais difícil – a eterna companhia de si mesmo. É desaprender o que nos foi ensinado e traçar o próprio destino.

Vá vendo quanta coisa! Acredito que seja por isso que o corpo vai cansando, como num movimento antagônico. Situação, aliás, que tanto irrita jovens chatos, que começam, magicamente, a saber muito mais – sobre tudo – do que qualquer um de idade. Ai, ai!

Então, se por acaso você pensar “tinha um velho no meu caminho, no meu caminho tinha um velho”, agradeça! Dê graças a

Deus! Pois velho brinca, sendo também criança e, conseqüentemente, poeta. Em louvor aos velhos, eu vou acrescentá-los à minha lista de “Divindades sagradas do Cosmos”. Por fim, sugiro um grito de guerra: “Velhos de todo o mundo, uni-vos!” O planeta é vosso!

Aluna 4895 - Fernanda Cabral - Turma 103

Direitos da população

O direito à saúde e à educação esteve, na maioria das vezes, destinado às classes privilegiadas do Brasil desde os tempos da Colônia. Os demais tiveram os fatores essenciais para uma boa qualidade de vida negados, apesar de hoje possuírem direitos iguais para todos, mas nem sempre respeitados por aqueles que deveriam zelar por sua manutenção.

O alinhamento de diversos tipos de saúde, por exemplo, é essencial ao bem-estar de toda a sociedade. A saúde física, conquistada pelos movimentos do corpo e pelo bom funcionamento do organismo; a saúde profissional, adquirida por empregos estáveis e que respeitem os direitos dos trabalhadores; a saúde espiritual, mental e emocional, alcançada pela fé e controle das emoções; e por fim, a saúde social, promovida pelas relações humanas, segurança e integração da sociedade, são imprescindíveis para que o indivíduo venha a ter uma boa qualidade de vida.

Mas a pandemia do coronavírus afetou os diversos tipos de saúde, pois a Covid-19 comprovou a falta de investimentos em hospitais e UTIs públicos, que colapsaram e não foram capazes de atender minimamente à demanda da população. A quarentena causou não só o abalo psicológico, devido ao estresse, mas também levou ao sedentarismo, à desregulação do sono e à má alimentação. Além disso, parte da população, sobretudo os que sempre foram marginalizados, perderam o emprego e inclusive passaram fome.

A educação equitativa e inclusiva é outra condição básica de suma importância para o desenvolvimento da sociedade e de seus indivíduos. É por meio desta que as pessoas adquirem conhecimentos que poderão transformar suas vidas, tornando-as mais críticas, conscientes e emocionalmente seguras.

Diante de tudo isso, urge que o Governo Federal e o Ministério da Saúde invistam mais na construção de hospitais e no Sistema Único de Saúde. E cabe ao Ministério da Educação criar, em conjunto com a sociedade, mais escolas de qualidade e investir em projetos sociais que sejam ligados à prática de esportes e atividades artísticas,

principalmente em conjuntos habitacionais e comunidades, trazendo-lhes assim melhor qualidade de vida.

Aluna 4323 - Luísa Vilar - Turma 102

Teatro da saúde

O século XXI é marcado por um panorâmico quadro, pautado em vieses que enfatizam o quão substancial se faz deter um íntegro bem-estar, seja físico e profissional, seja socioemocional e espiritual. Todavia, por mais que se afira a assertiva de que todo e qualquer cidadão possui direito ao respeito e à beatitude social, constante na Declaração Universal dos Direitos Humanos, não é o que se averigua na nação brasileira, na qual a ignorância de um significativo contingente populacional e a ausência dos devidos alicerces nos teatros se fazem existentes de maneira indubitável.

Em primeira análise, deve-se salientar o hodierno cenário como uma consequência de quesitos de outrora, visto que, ocorridos com as revoluções industriais, responsáveis foram para que uma legítima aceleração fosse desencadeada no que tange à vida de cada indivíduo. Segundo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, há uma exploração massiva do ser, buscando desfrutar do melhor que detém, o que resulta em severas sequelas – tanto físicas, quanto psíquicas. No entanto, as informações, quando passadas, são classificadas como algo trivial no contexto atual, defendendo-se que a adaptação deva ser realizada o quanto antes, sem que a requerida atenção seja dada. Logo, a ignorância social – seja a do desconhecimento, seja a da descortesia – é um fator motor no que compete à continuidade dessa problemática.

Outrossim, não é factível negar que a inoperância do Estado inerente ao uso de verbas, tencionando incentivar que os centros teatrais sejam locais propícios ao aprendizado e ao estreito contato com a cultura, deixe de ser um elemento causador desse imbróglio. Desde o Humanismo, o dramaturgo e poeta Gil Vicente afirmara que, via jocosidade, a correção dos equivocados costumes sociais seria realizada. Logo, uma intervenção faz-se necessária, a fim de que, através dos espetáculos melodramáticos, a população possa tanto usufruir do entretenimento, quanto aferir, por intermédio da cultura, o quão necessário é mudar os maus hábitos, como a má alimentação e a falta de exercícios físicos, justificados pela escassez de tempo, ocasionada pelo excesso informativo e de afazeres.

Destarte, averígua-se o quão alarmante as ilusórias imposições de um panorama perfeitamente utópico se fazem no que se refere à íntegra saúde do corpo social. Urge assim que um projeto seja realizado pelo Ministério da Saúde, visando à elaboração de peças teatrais que conscientizem a sociedade acerca desse revés, bem como se preconiza que a população brasileira busque, dessa forma, livros que a informem sobre a temática. Ter-se-á, à vista disso, uma iminente redução do crítico percentual desse quadro na nação verde-amarela.

Aluna 4521 - Millena - Turma 101

A mudança das cores

Há oito anos, se eu fosse desenhar o que via da janela do meu quarto, eu começaria pegando um lápis de cor amarela e outro de cor preta, para desenhar o sol com os seus raios brilhantes e ainda acrescentaria um óculo escuro enfeitando o seu rosto, junto a um lindo sorriso. Já para as árvores e o céu, usaria as cores azul e verde, que dominariam a folha de papel até então branca. Sem contar com os volumosos rios e animais que, aos poucos, tomavam suas formas.

Porém, percebo que as árvores, antes verdejantes e vigorosas que eu via do meu quarto, hoje, com a secura do ar e com o calor cada vez mais intenso do sol, deram lugar a um tom vermelho e laranja, com galhos de árvores secos e finos, sobreviventes das labaredas alaranjadas que se alastram e retiram todo o seu brilho e vigor. O motivo disso tudo? Escuto ou leio, todo dia, principalmente nos jornais da Amazônia e do Nordeste brasileiro, notícias sobre o avanço do desmatamento intenso, provocado pelo homem, ao longo dos anos, trazendo as mudanças climáticas ocorridas no Brasil e no mundo.

Quem diria que a formação de um semideserto na região Nordeste e a transformação da nossa Floresta Amazônica em savana estão se tornando mais perto de acontecer? E que Luiz Gonzaga, bem antes, iria profetizar esse triste cenário ao escrever: “Por falta d’água /perdi meu gado/morreu de sede meu alazão”?

O meu sonho seria mostrar aos meus filhos o verdadeiro ouro do Brasil: o verde de suas florestas, representado na Bandeira Nacional. Porém, com a pouca chuva e o clima cada vez mais quente que nos rodeia, tenho medo de que eles fiquem sem comida e no escuro, visto que também seremos afetados em todos os aspectos do dia a dia, caso nada seja feito agora.

É por isso que escrevo esse texto: como um pedido de ajuda e um alerta, deixando toda a minha esperança na geração atual a qual me sucederá. Somente assim eu poderei colorir meu desenho novamente!

O poder da amizade

É consenso a importância das amizades na formação do caráter dos nossos jovens. A comunicação entre os adolescentes é facilitada pelo advento da internet, permitindo-lhes a interação com os demais, a qualquer hora e momento. Porém, não são todos com os quais conversam que são seus verdadeiros amigos, sendo assim fundamental a análise do valor das relações realmente verdadeiras.

Precipualemente é válido analisar a importância da socialização do adolescente ou da criança que faz várias “amizades”, quando passa a frequentar a escola, onde se relaciona com pessoas diferentes. Essas amizades escolares são um dos primeiros contatos dos jovens com desconhecidos e preparam-nos para as relações entre adultos no futuro.

Ademais, é preciso salientar a notoriedade das amizades para a saúde mental. Isso porque os jovens estão cada vez mais se comunicando pelas redes sociais, por conta do período sensível pandêmico no qual vivemos. E ter um amigo de verdade, para que você possa desabafar, é essencial, pois ele pode trazer um pouco de felicidade em meio a tanta tristeza, insegurança, dúvidas...

Nota-se, portanto, que a amizade está intrinsecamente ligada à socialização e à saúde mental dos jovens, desempenhando um importante papel na formação de todos. Por isso, é necessário o incentivo dos pais, para que seus filhos possam discernir a verdadeira amizade em meio a um turbilhão de contatos diários, procurando orientá-los e, ao mesmo tempo, acompanhando a rotina escolar junto aos professores.

Aluno 4542 - Nicolas - Turma 104

A solidariedade juvenil

A solidariedade é um compromisso que o ser humano tem, consigo mesmo, de ajudar ao próximo. Porém, esse valor está se perdendo por causa da grande valorização de bens materiais na sociedade moderna e, infelizmente, esse fato se reflete nos jovens. Mas ele pode ser retomado com a ajuda das escolas, da família e da realização de campanhas educativas.

Primeiramente, é válido observar a importância das escolas na formação do espírito solidário do adolescente. A maioria delas incentiva a solidariedade entre seus alunos e destes com a sociedade, promovendo campanhas contra o “bullying”, por exemplo, que é recorrente nessa fase. Outras instituições, como o próprio Colégio Militar de Salvador, desenvolvem o espírito da empatia através de palestras de profissionais da Seção Psicopedagógica ou de ações que ensinem os jovens a enxergar o antes ‘invisível’ socialmente.

Ademais, é importante analisar a influência da família na formação ética e moral desses jovens. Os pais ou responsáveis devem incentivar seus filhos a praticar a solidariedade desde sempre, mesmo que seja com atos singelos como não jogar lixo nas ruas, participar de campanhas de doações, escutar um colega que precisa de ajuda etc. As organizações não governamentais, como o Greenpeace ou Médicos sem Fronteiras, são exemplos de entidades solidárias que podem ser apresentadas aos adolescentes para sensibilizá-los através das causas as quais defendem e instigá-los a valorizar as boas ações.

Nota-se, portanto, que os ambientes de ensino e aprendizagem, a família e as campanhas solidárias estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da empatia na fase da adolescência, com o comprometimento das escolas, dos professores, dos gestores e também com o maior investimento na qualidade das escolas públicas por parte do Governo Federal para, dessa forma, vencermos o grande desafio na formação de um espírito solidário.

Aluno 4542 - Nicolas - Turma 104

2º ANO

Depressão: “mal do século “

A modernidade trouxe à sociedade diversas facilidades: tecnologia, meios de transportes mais rápidos, novas vacinas, entre outras coisas. Em contrapartida, essa realidade não apresenta somente benefícios. Tem-se a presença dos transtornos psicológicos em pessoas, com destaque à depressão, que é considerada o “mal do século”.

Antes, é preciso questionar como a depressão se propagou, apresentando sintomas como a tristeza profunda, o desestímulo para realizar determinadas atividades e a introspecção. Conseqüentemente, esse transtorno gera muitos impactos na sociedade. Impactos esses que se caracterizam pela piora na qualidade de vida, fraco desempenho no mercado de trabalho e relações sociais prejudicadas ou até inexistentes.

Essa doença também traz um risco de mortalidade muito alto, pois, marcado pela tristeza profunda, o indivíduo se vê em uma situação tão ruim que, em alguns casos, comete suicídio. E, no Brasil, os investimentos na área da saúde são bastante limitados, havendo, com isso, a necessidade de intervenções na saúde pública para estancar esse mal.

Portanto, é imprescindível que o Governo Federal centralize uma maior parte do capital para o tratamento da depressão. Além disso, é necessário promover mais campanhas sociais de alerta sobre esse problema e não deixar para divulgar apenas no mês de setembro. Assim, a qualidade de vida e a felicidade populacional melhorariam consideravelmente, levando a depressão a deixar de ser considerada o “mal do século”.

Aluno 4793 - André Luz - 201

Impactos da depressão no Brasil

A depressão é uma doença que acomete cada vez mais pessoas no mundo, principalmente no século XXI, e isto não é por acaso: com a crescente desigualdade, ocasionada pela constante exploração da mão-de-obra e falta de recursos, trabalhar duro apenas para garantir a subsistência, sem possibilidade de ascensão social, é bastante desestimulante.

Como não bastassem as frustrações advindas das desigualdades econômicas, a população negra, maioria no Brasil, ainda sofre ampla discriminação e desprestígio, agravando ainda mais o quadro de saúde mental dos brasileiros. Este cenário se reflete diretamente na economia nacional, havendo redução do número de pessoas economicamente ativas ou então ocorre a queda do rendimento na produção. Não é apenas o crescimento de uma entre tantas outras doenças, mas sim uma situação de calamidade pública.

Tendo em vista a gravidade do problema, o Estado deve, em primeiro lugar, aumentar significativamente o investimento na área da saúde mental, ampliando os centros de tratamento e conscientizando a população de que não se trata de uma banalidade, mas sim de uma doença potencialmente letal. Em segundo plano, deve divulgar mais campanhas preventivas para manter a população mentalmente saudável, incentivando-a a frequentar áreas de lazer, praticar esportes, assistir a eventos culturais, entre muitos outros. Essas medidas não devem visar apenas a melhorar a situação econômica, mas também promover uma melhor qualidade de vida aos cidadãos.

Enquanto o assunto continuar sendo tratado como insignificante pelos mal informados, a depressão continuará acometendo cada vez mais brasileiros. Porém, se a questão for encarada com seriedade pelas autoridades competentes, é possível, ao menos, mitigar esta situação e melhorar a sanidade do povo.

Depressão, humanidade e economia

As doenças psicológicas têm sido mais reconhecidas na Europa, Estados Unidos e em outros países do Norte global. O Brasil, no entanto, ainda dá pouca importância a esses males, mesmo sendo uma nação altamente acometida pela depressão, famoso transtorno psíquico que impacta no aumento do número de suicídios e diminuição da produtividade no trabalho.

O transtorno depressivo maior é causado por danos aos produtores naturais de hormônios do prazer. Quando uma pessoa sofre este tipo de alteração cerebral, desenvolve diversos sintomas, sendo um deles o acometimento de pensamentos suicidas. O quadro pode evoluir, aliado à falta de tratamento característico do sistema de saúde brasileiro, fazendo o indivíduo perder a vontade de viver e seus pensamentos são concretizados em atos e as pessoas que falham na tentativa de suicídio podem apresentar sequelas para o resto da vida.

Além da trágica possibilidade de suicídio, aqueles que permanecem aqui vivem duramente. Os indivíduos depressivos podem sentir indisposição constante, falta de concentração, perda de propósito de trabalhar entre outros. Com o desempenho afetado no trabalho, essas pessoas podem ser demitidas, agravando o seu quadro clínico. Donos de empreendimentos, por exemplo, podem vir a falir devido à depressão, acarretando danos à economia local e até mesmo nacional, tendo em vista o número de pessoas atingidas indiretamente.

Esses são alguns dos motivos pelos quais os países vêm tratando essa e outras doenças mais seriamente. No Brasil, precisamos urgentemente conscientizar a população sobre seus problemas, para acabar com o preconceito vigente em nossa sociedade. Além disso, o Governo deve incentivar equitativamente o tratamento das doenças psicológicas. Dessa forma, os danos humanos e econômicos poderão ser mitigados.

A depressão e a sociedade

A depressão é uma doença mental marcada por um profundo sentimento de tristeza e vazio. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde e do Banco Mundial, no Brasil, 36 milhões de pessoas sofrem desta doença. A alta incidência de depressão na sociedade brasileira é causada também pelas condições socioeconômicas e agravadas pelo preconceito.

A maior parte da população passa o dia trabalhando, lidando com o transporte público e cuidando de serviços domésticos. Esse cenário, além de altamente estressante, retira o tempo de lazer e de autocuidado das pessoas, prejudicando sua saúde mental. Como resultado, as classes C e D são as mais vulneráveis à depressão, de acordo com a Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos.

Além disso, nas classes mais carentes economicamente as doenças mentais são extremamente discriminadas, desestimulando os pacientes a procurarem tratamentos e, dessa forma, aumentando suas angústias. Mas, como disse o cantor brasileiro Gonzaguinha, “ninguém quer a morte/ só saúde e sorte”. Ou seja, inferir que a depressão é apenas modismo somente aumenta o preconceito e o distanciamento social.

Nesse cenário, é preciso que as autoridades públicas e a mídia promovam maior número de campanhas educativas, visando conscientizar todos acerca dos impactos causados pelas doenças mentais. Outra sugestão é que o Estado empregue maiores recursos em serviços de tratamento e prevenção dessa doença e que as empresas privadas também disponibilizem atendimentos psicológicos para seus funcionários. Dessa maneira, a sociedade poderá se envolver no problema e ajudará a amenizá-lo.

Aluno 4798 - Sávio Souza - 202

3º ANO

“Nada permanece inalterado até o fim”

Resiliência é, segundo o dicionário Priberam, a “capacidade de superar, de se recuperar de adversidades”. Entretanto, ao aplicar esse conceito na vida cotidiana, é evidente o quão difícil é para os jovens brasileiros permanecerem otimistas, frente a um mundo repleto de instabilidades. Logo, trabalhar a resiliência é necessário tanto para o enfrentamento do medo de mudanças, quanto para a manutenção da saúde mental.

A palavra “maktub”, bastante conhecida entre os fãs de rap, é uma expressão característica do fatalismo mulçumano e significa “tinha que acontecer”, sendo uma reafirmação do espírito resignado com os desígnios da vida. Com isso, pode-se inferir que aceitar as adversidades da vida torna mais fácil encontrar meios para ultrapassá-las e viver a felicidade dos pequenos momentos da vida. Porém, no atual mundo globalizado, com constantes mudanças econômicas, a busca por uma estabilidade financeira representa o grande medo de ter que lidar com as mutabilidades da vida. Tal medo impede que muitos jovens sigam seus sonhos e acabem escolhendo empregos priorizando o retorno financeiro à sua real vocação, contribuindo para a superlotação do mercado de trabalho com profissionais medíocres e infelizes.

Outrossim, esse medo de instabilidade reflete diretamente na qualidade de vida dos jovens brasileiros, uma vez que afeta sua saúde mental. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil é o país mais ansioso e o quinto mais depressivo do mundo. A ligação desse fato com a falta de resiliência é explicada, parafraseando a psicóloga Camila Cury, pelo fato de pessoas não resilientes não conseguirem suportar suas próprias adversidades e, com isso, terem sérios problemas com sintomas psicossomáticos. A falta de confiança em si e o medo dos “nãos”, seja ao prestar vestibular ou ao iniciar um relacionamento, faz com que aqueles que não conseguem entender o movimento da vida se abalem e tenham menores chances de lidar com a crise.

Diante do exposto, para que os jovens desenvolvam uma personalidade mais resiliente, é necessário que o Ministério da

Educação ofereça disciplinas referentes ao desenvolvimento emocional, com a inclusão desse tópico na Base Nacional Comum Curricular. A partir do desenvolvimento dessas competências e habilidades, os alunos aprenderão como lidar com as emoções em momentos de crise e medo das adversidades da vida, utilizando-as como combustível para seguir em frente.

Aluna 4063 - Luana Pires - Turma 303

Jovens, o futuro da nação

A euforia inerente a inícios de século, no caso do XXI, foi atenuada brevemente. No Brasil, com a eclosão de crises de toda ordem e, agora, sanitária, houve a quebra de expectativas, principalmente dos jovens, quanto às questões econômicas e sociais do país, surgindo a necessidade de ser resiliente. Todavia, deve existir a distinção entre a adaptação às circunstâncias adversas e aceitar uma possível quebra de contrato social.

A priori, é relevante mencionar a situação econômica como barreira na construção de perspectivas. A juventude brasileira vive numa conjuntura de alta nos preços dos combustíveis; do quilo da carne; da energia; da cotação do dólar, a cinco reais; e da taxa de desemprego a 13%. Esse cenário nefasto exige demasiada superação, sobretudo, da mocidade mais pobre, que comumente vê-se obrigada a abandonar seu projeto de vida para colaborar com a sobrevivência da família.

Além disso, a política brasileira vive em constante caos. Assistir a noticiários que relatam diariamente esquemas de corrupção; desvios de dinheiro da educação ou saúde e, até mesmo, ataques a liberdades individuais requerem extrema capacidade de lidar com a realidade. Consoante John Locke, filósofo iluminista, é dever do Estado assegurar os direitos fundamentais dos cidadãos. Por isso, é válido salientar a obrigação desse agente de abrandar os efeitos negativos de crises inevitáveis, ao invés de criar novas situações que demandem mais resiliência da juventude, promovendo um ambiente fértil para seu crescimento.

Diante dos supracitados, é imperiosa a ação do Ministério da Educação e seu foco na atração dos jovens para os estudos por meio de programas sociais que os mantenham na escola. Na parte didática, deve haver o foco na formação do aluno como cidadão, para que esse conheça seus direitos e deveres e participe ativamente de questões políticas de forma mais ativa. Os efeitos serão sentidos a longo prazo, mas, parafraseando um grande pensador, sem a educação tampouco a sociedade muda.

A problemática dos refugiados para além da fuga

Na canção “Diáspora” de autoria dos Tribalistas, evidenciam-se alguns dos preocupantes desafios enfrentados pelos refugiados ao redor do mundo, como se pode perceber nos seguintes versos: “Atravessamos o mar Egeu/ Um barco cheio de fariseus/ Com os cubanos, sírios, ciganos/ Como romanos sem Coliseu.” No entanto, para além das dificuldades apresentadas na música, a real inserção cultural e social dessas pessoas nos novos países em que se encontram configura-se também como uma grave problemática.

Em primeiro lugar, convém analisar tais empecilhos culturais, uma vez que o choque entre variados povos pode resultar em preconceitos ou, até mesmo, na xenofobia. Assim, nota-se tal conjuntura na telenovela da Rede Globo “Órfãos da terra”, na qual uma família, em uma tentativa de sobrevivência, foge da guerra civil na Síria e se instala no Brasil. Entretanto, já no país de destino, os sírios sofrem constantemente com a aversão de brasileiros, em relação à forma de se vestirem, se portarem, se alimentarem, dentre outros aspectos de sua cultura. Logo, diante de inúmeros julgamentos, a inserção desses migrantes é prejudicada.

Em segundo lugar, o englobamento no quesito social também é ineficiente, visto que a grande maioria dos refugiados são colocados à margem da sociedade. Desse modo, a atualidade reflete a Antiguidade, dado que os estrangeiros da Grécia Antiga, denominados de metecas, não eram considerados cidadãos, logo eram inviabilizados de participação política e de aquisição de terras. Isto posto, compreende-se a escassez de políticas públicas que possibilitem a integração completa dessas pessoas nas comunidades.

Portanto, devido ao atual cenário do planeta, são imprescindíveis ações que visem à coesão populacional em escala mundial. Para isso, cabe ao ACNUR – órgão das Nações Unidas –, em parceria com as mídias digitais, incentivarem os moradores das diversas comunidades ao redor do mundo a receberem os refugiados em seus bairros ou, temporariamente, em suas casas, por meio de campanhas que esclareçam as dificuldades enfrentadas por eles, além de compartilharem os inúmeros benefícios que aquelas novas

culturas podem agregar, a fim de combater a xenofobia através da difusão desse conhecimento. A partir de atitudes como essas, será possível garantir não apenas moradias, mas também sentimentos de aceitação e pertencimento a essas pessoas carentes e necessitadas.

Aluna 4435 - Ísis Borges - Turma 304

A difícil tarefa de encontrar refúgio

“Mudar para um país novo é um ato de fé”, afirmou Nicola Yoon, em sua obra *O sol também é uma estrela*, que trata das questões identitárias de jovens nos Estados Unidos. Todos os anos, na esperança de encontrar uma vida melhor em um novo local, milhões de pessoas se deslocam, fugindo da realidade tenebrosa de suas terras natais. Nesse contexto, surge um problema para elas, sobretudo em países mais ricos: a xenofobia. Por isso, é imprescindível que haja uma aceitação e acomodação apropriada para que os povos refugiados possam viver com dignidade nos países de destino.

Prioritariamente, é preciso ter em mente que os países de primeiro mundo possuem grande responsabilidade histórica em relação à crise mundial dos refugiados, tendo em vista o processo de imperialismo dos séculos XIX e XX. Isso se deve ao fato de que, durante esse período, o que se viu na região da África e da Ásia foi uma avassaladora dominação por parte dos países europeus na busca por novos mercados consumidores. Como consequência disso, hoje, os países africanos e asiáticos sofrem com conflitos étnicos, a exemplo da Caxemira e da região do Sudão, que são algumas das principais razões para o intenso fluxo de refugiados.

Por outro lado, há quem diga que a chegada dessas pessoas nos países desenvolvidos seja maléfica, pois os refugiados tomariam os empregos da população local. Mas, na prática, não é bem isso que parece acontecer. De acordo com o Alto Comissariado Organização das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), órgão da ONU responsável por essa agenda, além de mais de 50% dos refugiados serem crianças, são inúmeros os empecilhos para a busca de empregos por esses indivíduos, tais como a falta de qualificação de trabalho e a insistência de alguns empregadores em não os aceitar como funcionários.

No mais, esses migrantes ainda sofrem com a xenofobia. Além de não receberem oportunidades de trabalho dignas, em alguns locais, há ainda a repressão dos elementos culturais desses povos, como os casos de mulheres proibidas de usarem o hijab, um

elemento cultural marcante do islamismo e a proibição de práticas religiosas desses povos. E isso diz respeito a todos pois, como diria Zygmunt Bauman, os refugiados representam nossos grandes medos, o da pobreza e da insegurança repentinas. Consoante ao filósofo polonês, fica evidente que esse problema é de todos os indivíduos, e não apenas dos refugiados, haja vista que se sentir deslocado é uma das grandes frustrações de todo ser humano.

Diante do exposto, é importante que o ACNUR estabeleça diretrizes acerca da recepção dos refugiados nos países. Isso deve ser feito por meio de propostas de resolução, medidas provisórias e documentos de trabalho para, assim, tornar a vida desses indivíduos, ao menos, digna e segura. Além disso, é fundamental que, em todos os países, seja incluída nas escolas uma educação multicultural. Isso deve ser feito pelas autoridades competentes pela educação nesses locais, por meio de palestras, atividades e rodas de conversa, com o objetivo de conscientizar os jovens para, assim, ao menos, reduzir os embates entre os povos.

Aluno 4057 - Sena - Turma 304

Futuro brilhante

“Sigam-me os que forem brasileiros”. A famosa frase citada por Duque de Caxias, enquanto defendia o país na Batalha de Iitororó, representa o espírito de patriotismo, o qual, quando compartilhado, torna o país melhor. Além de honrar e servir a pátria, a carreira militar para aqueles interessados pode ser bastante benéfica, isto é, permite uma vida financeiramente estável. Ademais, o Exército Brasileiro é uma instituição que preza por importantes valores, fator crucial para a decisão de nele ingressarem muitos jovens.

Em primeira perquirição, num território onde, de acordo com os dados do IBGE, o desemprego assola quinze milhões de pessoas, a garantia de se ter uma profissão estável é de grande valia. Tal estabilidade advém de diversos benefícios que a carreira propõe, com os mais variados auxílios, como de saúde, odontológico e o direito a residir em vilas militares, de modo que há uma instituição completa para esses confortos somados a um baixo custo de vida. Além disso, o Exército é uma instituição federal que dificilmente irá falir, visto a importância para o país, e ainda existe o bônus de aposentadoria integral após completos tantos anos de serviço.

Outro fator fulcral para a escolha da carreira é a constituição moral da instituição militar, a qual tem como seus pilares o espírito de corpo, o patriotismo, o civismo e o aprimoramento pessoal sobre dificuldades, a fé na missão do Exército e o aperfeiçoamento técnico-profissional. Esses valores são fundamentais para a construção da sociedade brasileira, uma vez que servem como base para o exercício de tal profissão, que é responsável por garantir a ordem nacional.

Tendo em vista esses fatos, conclui-se que almejar seguir a carreira militar, seja como oficial ou praça, é uma escolha muito vantajosa. A carreira militar, além de garantir a tão desejável estabilidade financeira, permite a formação de cidadãos dispostos a cumprir seus deveres para com a pátria, servindo de exemplo para a sociedade.

Alunas (os):
4068 Beatriz Gidi
4058 Victória Teixeira

4892 Christyan Reis
4047 Sampaio
Turma 301

O dilema das profissões

No filme *Bee Movie*, o protagonista, Barry, sofre com o dilema de escolher a sua função na colmeia, levando em conta sua disponibilidade no mercado de trabalho. Similarmente, na vida real, adolescentes também enfrentam essa situação. Nesse sentido, é possível perceber como escolher a profissão na adolescência pode ser um grande desafio, além de afetar de forma negativa diversos âmbitos da vida da pessoa.

Em primeiro plano, deve-se destacar a imaturidade dos jovens para tomar tal decisão. Segundo o pediatra e psicanalista Donald Winnicott, o adolescente é um ser essencialmente puro, isto é, sem bagagem emocional suficiente. Percebe-se, portanto, que pessoas dessa faixa etária não são preparadas para assumir um caminho, por muitas vezes, vitalício.

De mais a mais, a saúde mental é uma importante pauta a ser discutida, pois, conforme a Organização Mundial da Saúde, a depressão é a segunda causa de morte entre jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos. Essa infeliz informação permite inferir quanta influência esse aspecto tem na dinâmica social, indicando os terríveis malefícios dessa pressão prematura.

Nesse contexto, vê-se como a seleção da carreira profissional tem grandes implicações. Portanto, o Ministério da Educação deve oferecer orientação vocacional a partir de debates mensais - sobretudo para aqueles em seu último ano escolar - com psicólogos, a fim de auxiliar os adolescentes nessa fase de extrema ansiedade.

Aluno (as):

4151 Mota

4067 Luana Maia

4062 Júlia Godoi

Turma 302

Ser, não ser, quero ser, querem que eu seja

No contexto do filme *Casa Grande*, é evidenciado o comportamento da sociedade moderna, o qual é caracterizado pela pressão cada vez maior nos jovens sobre a decisão da profissão a ser seguida no futuro. Lamentavelmente, a ficção se mantém fiel à realidade, já que a dinâmica social brasileira insiste na manutenção de obstáculos para a escolha de ofícios pela camada juvenil. Logo, não somente a lacuna educacional no que tange à orientação vocacional, como também a influência capitalista na formação familiar aprofundam essa problemática.

Nesse sentido, é imperioso mencionar que a ausência da orientação vocacional no ambiente escolar impossibilita uma escolha saudável para grande parte dos jovens. Por esse ângulo, Kant formulou a ideia de que o homem nada mais é do que aquilo que a educação faz dele. Consoante à afirmação do filósofo, fica claro que o sistema educacional brasileiro, que prioriza um ensino conteudista e tecnicista, peca ao não ofertar aos seus discentes um suporte psicopedagógico, a exemplo de palestras e atendimentos individuais, que possibilite a descoberta de suas aptidões e, assim, uma escolha sadia. Dessa forma, muitos alunos deixam as escolas sem saber qual carreira seguir, uma vez que não foram condicionados a pensar a longo prazo durante sua formação acadêmica.

Outro obstáculo diz respeito à influência do capitalismo no desenvolvimento socioafetivo das famílias, o que implica na formação individualista dos jovens. Nessa lógica, uma pesquisa do LinkedIn, rede social de negócios, apontou que cerca de 26% dos participantes acreditam que os pais estão entre as maiores influências na hora de escolher o ofício. Com isso, é cada vez mais comum ver jovens, por influência da família, centrando a importante decisão de suas carreiras na lucratividade, pouco importando, de fato, seus desejos e aptidões. Isso ocorre porque, de acordo com os preceitos capitalistas que regem o *ethos* da sociedade hodierna, é incompatível trabalhar em algo que não dê como retorno o lucro, sobretudo devido ao elevado custo de vida na conjuntura atual.

Diante do exposto, é perceptível que a perpetuação dos obstáculos supracitados exerce influência na escolha de trabalho, fazendo-se necessária a intervenção ativa de órgãos governamentais para que essa dificuldade seja dirimida. Assim, cabe ao Ministério da Educação, responsável pelo desenvolvimento de práticas educativas no território brasileiro, a criação do “Projeto quero ser”, o qual visa conscientizar estudantes e famílias acerca da importância da plena decisão de profissões pelos jovens. Isso deve ser concretizado por meio de palestras, panfletos e debates para, assim, alcançar o propósito da iniciativa. Dessa maneira, ter-se-á um país, no qual cenários como o do filme *Casa Grande* não se farão perenes.

Alunos (a):

4601 João Neri

4057 Sena

4070 Maria Paula

Turma 304

O desafio de valorizar o professor

O filme *Escritores da Liberdade* aborda a necessidade da valorização do professor para a possibilidade de mudanças por meio da educação. Infelizmente, essa não é uma realidade do Brasil, visto que os educadores são desvalorizados com baixos salários e cargas horárias exaustivas. Dessa forma, é importante analisar a baixa atratividade da profissão e a má qualidade da educação.

Em primeira análise, de acordo com os dados de Todos pela Educação, 49% dos professores não recomendam a própria profissão. Isso exposto evidencia que a profissão é marcada pela baixa atratividade devido aos reduzidos salários, altos níveis de violência e ao baixo status da carreira. Esses fatores contribuem para a defasagem na educação brasileira, o que gera a desvalorização do docente, trazendo efeitos negativos para toda a sociedade.

Consequentemente, há a má qualidade desse setor. O antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro afirma que a crise na educação não é uma crise, e sim um projeto, em que, através da ineficácia educacional, a população é alienada, aceita tudo passivamente, e torna-se objeto de controle, como uma marionete, das instituições humanas. Assim sendo, a educação, que deveria estar a serviço das transformações sociais, quando ausente, abre espaço para situações de manipulação que beneficiam um lado, garantindo a permanência da dominação. Por isso, é imperativo que a educação brasileira seja tratada com a devida importância, para que haja o desenvolvimento de cidadãos críticos e transformadores do mundo.

Com base nos elementos supracitados, medidas são necessárias para concretizar a valorização do professor. Portanto, cabe ao Ministério da Educação – órgão responsável pelas políticas públicas nas instituições escolares – promover palestras, ambientadas nas escolas, que debatam amplamente o tema, por meio da presença de pedagogos e demais especialistas, com a finalidade de ressaltar a importância da valorização e do respeito ao profissional da educação.

Aluna 4931 - Catarina Macedo - Turma 304

Se o mestre é árvore, educação fruto é

No filme *Uma professora muito maluquinha*, a atriz Paolla Oliveira interpreta uma professora novata que, a fim de oferecer o melhor aprendizado possível para seus alunos, enfrenta diversos desafios e, envolvida em tal processo, conquista logo a amizade deles. Assim, ao desempenhar seu papel de educadora com estimado carinho e coragem, torna-se adorada por todos. Fora da ficção, entretanto, a referente profissão não é devidamente valorizada e respeitada, e isso se deve em grande medida à falta de reconhecimento social e à baixa remuneração que lhes são atribuídas no país.

Em primeiro lugar, segundo o renomado educador Paulo Freire, sem educação não conseguimos transformar a sociedade. Frente a essa visão, os principais transmissores de conhecimento – os professores –, deveriam ser alvo de prestígio social, posto que é uma ocupação muito honrosa e de extrema importância para o futuro da nação. O que ocorre, porém, é o contrário: frente a um mercado de trabalho impactado pela tecnologia e repleto de novos cargos inovadores voltados para a inteligência artificial, profissões clássicas são cada vez mais desvalorizadas.

Ademais, segundo um levantamento de 2019 do Movimento Todos pela Educação, os professores recebem apenas 70% da média de profissionais com o mesmo nível de formação. Ou seja, mesmo enfrentando diversos desafios, como por exemplo, lidar com estruturas de trabalho muitas vezes precárias, aos mestres lhes são destinados salários absurdamente inferiores aos que são merecidos.

Por conseguinte, a fim de amenizar o quadro atual, urge que o Ministério da Economia, por meio de uma comunhão com o Ministério da Educação, utilize verbas governamentais para criar propagandas que visem a alertar sobre a importância dos professores para uma sociedade e sobre o desastre que a ausência de tais profissionais causaria. Essas propagandas poderiam circular nos principais veículos de comunicação – as redes sociais e nas mais populares agências televisivas, como a Globo, a Record e o SBT. Além

disso, deve haver um aumento regularizado de salário para educadores da rede pública – também por meio de verbas governamentais –, bem como um aumento do valor hora-aula estabelecido por lei para a rede particular. Dessa maneira, espera-se que a comunidade verde-amarela entenda que seu conhecimento é fruto do esforço de muitos mestres, pois se mestre é árvore, educação fruto é.

Aluna 4743 - Muriel Iohana - Turma 304

Por que, Clarice?

Escrevo para curar a solidão que me cerca.
Escrevo para que a realidade não se torne fantasia.
Escrevo pelas memórias que carrego e, ainda que ruins, feliz ficarei
por me lembrar delas.

Escrevo ansiosa.

Escrevo conturbada.

Escrevo pensamentos.

Efêmeros, soltos, envoltos,

Em quê?

Escrevo por mim.

Escrevo para o sol que Deus acende pela manhã

E desliga ao anoitecer.

Escrevo para quem quero encontrar.

— Não sei quem quero encontrar.

Escrevo para as estrelas,

Entre segredos,

Quero ver a destreza

Das linhas nebulosas

Dos teus desejos.

Escrevo.

Por que escrevo?

Ansiosa, conturbada, silenciosa.

Marmelada.

Escrevo.

Por que escrevo?

Há quem saiba.

Escrevo para quem quero encontrar.

— A minha essência que, um dia, voltará.

Aluna 4929 - Giovanna Rocha - Turma 303

Diálogos de um cego Saramago

eu falo com você e quem é você eu sou você você sou eu sou você
você é a morte não sou a vida e o que queres vida se você sou eu o
que quer indagar consigo mesmo você está cego cego cego e o que
me causa a cegueira se a vejo com tanta clareza a realidade a
realidade você não enxerga está cego e como curo a cegueira não
cura é muito tarde mas se pode me ver ainda lhe resta um pouco de
visão vai me deixar aqui cego nunca te deixarei esse é seu mundo e
talvez você nunca existiu se nunca existi o que faço agora eu que me
pergunto o que fazer agora,

Aluna 4715 - Maria Vitória - Turma 301

TEXTO DE DESPEDIDA DA CORONEL ALUNA

A jornada

Camisa branca, calça jeans e tênis preto... Tal como um cotonete, há sete anos, ingressava eu no Colégio Militar de Salvador, no primeiro dia da “semana zero”. Essa semana foi uma das mais intensas, marcada por um borbulho de sentimentos misturados dentro de mim – curiosidade, medo e felicidade –, mas, como todas as outras, chegou ao fim, com a memorável entrada dos novos alunos pelo portão da EsFCEX. Lembro-me bem do dia, eu e os outros alunos enfileirados como formiguinhas aprendendo a marchar e a cantar o hino do colégio. Ah... bons tempos!

A rotina de estudos no CMS não era nada fácil no Ensino Fundamental. Havia tantas provas, matérias e assuntos novos para uma criança de apenas onze anos, mas a boa vontade dos professores e a qualidade das aulas compensava tudo. Educação Física e treino à tarde então nem se fale, era uma beleza! Sem contar com todos os clubes – de música, de relações internacionais, de robótica e de educação ambiental – e todos os prêmios – legião de honra, alamar, graduação e medalhas. Ah... bons tempos!

Mesmo nos momentos difíceis não tinha com o que se preocupar, nossos queridos monitores sempre estavam dispostos a ajudar. Sem contar com a Sessão Psicopedagógica e com os projetos de tutoria, ajuda mútua, camaradagem e espírito de corpo que sempre fizeram parte do meu dia a dia. Ah... bons tempos!

O tempo passou e eu cresci. Ensino Médio chegou mais rápido que o esperado, mas não foi razão para deprimir, afinal, ainda estava a estudar no meu Colégio Militar. Mas, então, veio a Pandemia, isso sim foi de matar! Afastar-me dos professores, dos colegas, dos monitores e até do meio militar. Aulas on-line, nova realidade, sobrecarga de estudo, de trabalho, de provas, de tudo! Ah... saudade dos bons tempos!

Esse ano saio pelo mesmo portão da EsFCEX. Levo para a vida todos os aprendizados, todos os valores e todas as lembranças desses sete anos como aluna do Colégio Militar de Salvador. Sou feliz por ter aproveitado todas as oportunidades que tive e por fazer parte da família garança, porém triste por minha partida.

Sentirei saudade, nobre cadinho...

Aluna 4350 - Gabrielly Rosa - Turma 304

ANTOLOGIA DOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR



2021

ANTOLOGIA ESCOLAR 2021